



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Joseneilde Maria de Assunção

A família enquanto espaço de desenvolvimento vocacional: o olhar de jovens universitários acerca das vivências na infância



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Joseneilde Maria de Assunção

**A família enquanto espaço de desenvolvimento
vocacional: o olhar de jovens universitários acerca
das vivências na infância**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos da Criança

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professor Doutor Leandro S. Almeida

Doutora Joana Ribeiro Casanova Pinto

fevereiro de 2024

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribui
ção
CC
BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimentos

Inicialmente, é com grandiosidade que dedico o presente trabalho à minha amada família. De maneira análoga ao resplandecer solar que empresta o seu fulgor à minha jornada acadêmica, a minha alegria irradia-se para além dos horizontes oceânicos, pois mesmo a distância geográfica não tem o poder de esmorecer o calor do afeto que a minha família emana. São eles, que com maestria têm orientado o meu coração, nutrindo-o de coragem, e me presenteando com um amor incondicional ao longo dos anos de dedicação aos estudos.

Às leais amizades conquistadas em minha terra natal, o Brasil, expresso a minha mais profunda gratidão por terem permanecido ao meu lado nos momentos de desafio e terem compartilhado comigo as efemérides de êxito. Cada risada compartilhada, cada ombro amigo e cada palavra de encorajamento constituíram elementos cruciais para o êxito que ora celebro. Desejo, com veemência, manifestar meu apreço imensurável ao meu querido amigo, José Ferreira, cujo caloroso suporte e empática benevolência revelaram-se fundamentais para a minha adaptação e imersão neste deslumbrante solo lusitano.

Aos eméritos orientadores que me brindaram com a sua ilustre orientação, o Professor Doutor Leandro Almeida e a Doutora Joana Casanova, a minha genuína gratidão é efusivamente expressa. Suas sábias instruções, inestimável auxílio e paciência, sobretudo nos momentos de maior fragilidade emocional resultantes desta nova etapa de minha existência, foram primordiais para eu caminhar, além das perspicazes críticas e intervenções criteriosas não apenas aprimoraram a substância do meu labor acadêmico e científico, mas também me inspiraram a buscar o conhecimento com maior zelo e requinte.

Não posso deixar de render homenagens à plêiade de docentes que integraram o corpo de professores deste mestrado, bem como à ilustre Universidade Uminho, com destaque para o notável Instituto de Educação. É também imperativo reconhecer e agradecer aos estimados estudantes que, com generosidade, colaboraram nas investigações que tornaram viável a realização deste estudo.

Por último, mas não menos importante, desejo expressar a minha gratidão a todos aqueles que, de múltiplas formas, prestaram seu auxílio ao longo desta jornada. Este trabalho constitui um espelho fiel do profundo afeto que nutro pela Educação, sobretudo pela infância, pelo saber e pela determinação em abraçar com ímpeto as novas experiências que a vida me oferece.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A família enquanto espaço de desenvolvimento vocacional: o olhar de jovens universitários acerca das vivências na infância

Resumo

O presente estudo pretende analisar a participação da família em experiências de exploração vocacional e desenvolvimento de carreira na infância. Mais concretamente, analisa-se como jovens universitários descrevem as suas experiências educativas na infância na área do desenvolvimento vocacional, em particular tomando as ações educativas dos pais/encarregados de educação. Através de entrevistas a um grupo de 06 estudantes do 1.º ano do Ensino Superior, diversificado em termos de frequência ou não de um curso de primeira opção e do grau da sua convicção sobre a conclusão da sua formação académica no curso que frequentam, pretende-se verificar se esta diferenciação, tomando ainda o género e a área científica do curso, reflete vivências na infância diferentes do ponto de vista de desenvolvimento vocacional. Para a recolha de dados recorre-se a entrevistas semiestruturadas centradas na família enquanto espaço de exploração e reflexão de atividades de índole vocacional, sendo o conteúdo das entrevistas transcrito para efeitos de análise e categorização. A partir da análise temática (Braun & Clarke, 2006) examinamos como essas vivências na infância impactam o processo de exploração vocacional ao longo da vida. A pesquisa abrange uma perspetiva psicossocial e ecológica, considerando a interação entre indivíduos e o contexto familiar como um fator crucial na formação das escolhas vocacionais. A par de uma melhor compreensão do espaço familiar no desenvolvimento vocacional na infância, em termos de oportunidades, pretendem-se identificar pistas de intervenção junto das famílias.

Palavras-chave: Desenvolvimento vocacional; desenvolvimento de carreira; práticas educativas parentais; família; infância.

The family as a space for vocational development: young university students' perspectives on childhood experiences

Abstract

This present study aims to analyze the role of the family in childhood vocational exploration and career development experiences. Specifically, it examines how young university students describe their educational experiences in childhood in the field of vocational development, with a particular focus on the educational actions of parents/guardians. Through interviews with a group of 6 first-year university students, diversified in terms of whether they are pursuing their first-choice course and the level of their conviction regarding the completion of their academic education in the course they are currently enrolled in, the study seeks to determine whether this differentiation, taking into account gender and the scientific area of the course, reflects different childhood experiences in terms of vocational development. Data collection involves semi-structured interviews centered around the family as a space for vocational exploration and reflection, with the interview content transcribed for analysis and categorization. Using thematic analysis (Braun & Clarke, 2006), we examine how these childhood experiences impact the vocational exploration process throughout one's life. The research adopts a psychological and ecological perspective, considering the interactions between individuals and the family context as crucial factor in shaping vocational choices. In addition to gaining a better understanding of the family's role in childhood vocational development, the study aims to identify avenues for intervention within families in terms of providing opportunities.

Keywords: Career development; vocational development; parents' educational practices; family; childhood

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO CONCEITUAL	5
1.1 Família: Uma multiplicidade de conceitos.....	5
1.2 Teorias psicossociais do desenvolvimento humano.....	7
1.3. Infância: Uma definição histórica e cultural	14
1.4. O papel da família no desenvolvimento da carreira	18
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DO ESTUDO EMPÍRICO	26
2.1. Questões da investigação	26
2.2. Participantes	26
2.3. Procedimentos de recolha de dados.....	28
2.4. Procedimentos de análise de dados	32
CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	34
3.1. Resultados.....	34
3.2. Discussão e conclusão	47
Conclusões.....	52
Referências Bibliográficas	57

CRIANÇA DESORDEIRA. Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olha índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continuam a arder turvado e maniaco. Mal entra na vida, e já é caçadora. Caça os espíritos cujo rastro fareja as coisas; entre espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá ela arrasta a presa para a casa, para limpá-la, fixá-la, desenfeitá-la. Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico, museu criminal e cripta. “Arrumar” significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas e espinhos que são maçãs medievais, papéis de estanho, que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são totens e tostões de cobre que são escudos. No armário de roupas de casa da mãe, na biblioteca do pai, ali a criança já ajuda há muito tempo, quando no próprio distrito ainda é sempre anfitrião inconstante, aguerrido (Benjamin, 1995, p.39).

INTRODUÇÃO

A escolha profissional é uma das decisões mais importantes na vida de um indivíduo, pois molda seu futuro e propicia a sua realização social e pessoal, bem como o seu bem-estar. A literatura aponta que esse processo se inicia desde a infância e é influenciado por diversos fatores, sendo a família um dos principais contextos em que as primeiras experiências vocacionais são vivenciadas.

Neste sentido, este estudo tem como objetivo analisar a participação da família nos processos de exploração vocacional na infância. Este enfoque, para além da relevância social e educativa do tema, vai ao encontro às inquietações da investigadora enquanto profissional da educação.

No convívio de anos com as angústias dos adolescentes que precisavam escolher um curso para o Ensino Superior, observava-se que, muitas vezes, esses adolescentes eram impactados pela pressão de seus pais em diversos aspectos, afetando suas escolhas, que nem sempre eram assertivas ou correspondiam às suas competências, habilidades e interesses. Esta escolha reconhece também a família como o primeiro contexto de interação e desenvolvimento das crianças, onde suas práticas podem ser favoráveis ou desfavoráveis à participação das crianças no desenvolvimento de suas competências e autonomia, destacando a importância social e científica deste estudo.

A partir da revisão literária no que tange à influência da família como espaço de crescimento da criança, a investigação assume uma perspectiva ecológica e psicossocial. Segundo Taveira (2020), existem poucos estudos considerando o desenvolvimento da carreira como processo que ocorre ao longo da vida profissional de uma pessoa, necessariamente desde a infância. Na mesma linha, Gonçalves (1994) diz que o desenvolvimento vocacional ocorre ao longo do ciclo vital, decorrente da sua percepção de mundo e seus significados que são transformados mediante a qualidade de suas explorações em diferentes contextos de vida, de novo destacando que também ocorre na infância.

O Capítulo 1, aborda a evolução do conceito de família ao longo dos séculos, destacando sua diversidade e capacidade de adaptação a diferentes formas de convivência, bem como as mudanças históricas na estrutura familiar e no papel dos filhos. Além disso, explora o reconhecimento de modelos plurais de família no contexto constitucional português, refletindo a evolução das concepções familiares. Em seguida, o capítulo apresenta teorias psicossociais do desenvolvimento humano, centradas em breves conceitos decorrentes das teorias de Baumrid, Bowlby, Erikson, Seligman e do modelo ecológico de Urie Bronfenbrenner, fundamentais para compreendermos a influência da família no desenvolvimento da criança, incluindo o desenvolvimento vocacional e as escolhas de

carreira na infância e adolescência.

Também é apresentada a evolução histórica da concepção de infância, demonstrando como esse conceito multifacetado foi moldado ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais e sociais. Inicia-se com uma visão da Idade Média, na qual as crianças eram consideradas pequenos adultos desprovidos de direitos e autonomia, contrastando com as perspectivas contemporâneas que valorizam a criança como um sujeito ativo na sociedade. Philippe Ariès, um historiador francês, é destacado como aquele que argumentou que a infância é uma construção social moderna, marcando a transição da sociedade feudal para a industrial.

Além disso, o capítulo aborda as diferentes perspectivas teóricas que influenciaram nossa compreensão da infância, destacando abordagens estruturalistas, interpretativas, críticas e desconstrucionistas. É enfatizada a importância de reconhecer a diversidade de experiências infantis, influenciada por fatores como classe social, grupo étnico, religião e nível de instrução da população. Conclui-se com a ênfase na necessidade de garantir os direitos das crianças e reconhecê-las como sujeitos ativos na sociedade, destacando a importância de compreender o contexto da infância para atender às suas necessidades e desafios, uma vez que essa fase desempenha um papel crucial no desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, com impactos significativos na vida adulta.

O Capítulo também aborda o papel da família no desenvolvimento vocacional das crianças e na construção de suas carreiras. O capítulo começa destacando a importância da família como o primeiro ambiente no qual as crianças são expostas a valores, crenças e modelos profissionais. Além disso, ele explora o conceito de Educação para a Carreira, uma estratégia que busca integrar a educação e a carreira no contexto educacional.

Na continuidade, examina a influência da família na formação das percepções e aspirações vocacionais das crianças, enfatizando como os pais moldam as percepções sobre o trabalho e as carreiras. O desenvolvimento da maturidade vocacional, com dimensões atitudinais e cognitivas, também é discutido. Há ênfase na importância de considerar as variáveis familiares sistêmicas na compreensão da indecisão vocacional e na construção da identidade vocacional das crianças. Além disso, o capítulo explora a influência dos pais na exploração de carreiras pelos filhos, considerando diferenças de gênero. Também destaca a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre a influência da família nas competências vocacionais das crianças desde a infância. Em síntese, o capítulo enfatiza a relevância da família como um influenciador fundamental no desenvolvimento vocacional das crianças e na tomada de decisão de carreira. Assim, o capítulo destaca a importância de considerar a influência familiar em diferentes idades e estágios de desenvolvimento, bem como a necessidade de investigações mais aprofundadas e continuadas nessa área.

O Capítulo 2 concentra-se na metodologia do estudo empírico, focada no objetivo de compreender a participação da família no desenvolvimento vocacional na infância, explorando o papeltanto das crianças quanto dos adultos nesse processo. O estudo visa examinar os processos envolvidos no desenvolvimento vocacional desde a infância, buscando identificar como as famílias influenciam a escolha profissional dos estudantes. Para alcançar esse objetivo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um grupo diversificado de 06 estudantes universitários do 1º ano, com diferentes experiências em relação à escolha de curso e diferentes graus de convicção sobre a conclusão de sua formação acadêmica atual. Essas entrevistas foram centradas em 6 temas, conforme segue: Tema 1 – Ambiente familiar desde a infância, Tema 2 – Suporte familiar na exploração vocacional desde a infância, Tema 3 – Autonomia e participação desde a infância, Tema 4 – Exploração de interesses na infância, Tema 5 – Oportunidades para além do contexto familiar nuclear e Tema 6 – Desafios e obstáculos atuais. A análise dos dados foi realizada utilizando a metodologia qualitativa de análise temática (Braun & Clarke, 2006), permitindo a identificação de padrões recorrentes e a compreensão profunda das experiências dos participantes. Os resultados deste capítulo contribuirão para uma melhor compreensão do papel da família no desenvolvimento vocacional na infância e podem fornecer insights para intervenções futuras nessa área.

No Capítulo 3, apresenta-se a análise temática das entrevistas realizadas com o grupo de 06 estudantes universitários. Discutiremos como as vivências na infância e a influência familiar se refletem em suas escolhas profissionais. A partir dessas reflexões, levantaremos algumas pistas de intervenção para auxiliar tanto os jovens como as famílias no processo de desenvolvimento vocacional, incluindo o fortalecimento da comunicação familiar, o estímulo à exploração de interesses e habilidades, e o acesso a serviços de orientação profissional.

A conclusão desta investigação destaca a importância de compreender o desenvolvimento vocacional na infância e sua relação com a família. A pesquisa ressalta a necessidade de profissionais capacitados investirem em estratégias que permitam às famílias compreenderem sua participação ativa e intencional nesse processo, proporcionando recursos para apoiar seus filhos na construção de uma identidade profissional sólida e promovendo escolhas conscientes e autônomas. O estudo também enfatiza a importância de criar um ambiente acolhedor e de diálogo familiar para potencializar o desenvolvimento vocacional saudável dos jovens. Além disso, a pesquisa sugere que intervenções baseadas em abordagens psicossociais e ecológicas podem desempenhar um papel crucial na promoção de trajetórias profissionais satisfatórias e alinhadas com as aspirações individuais. Também são apontadas possíveis contribuições para estudos futuros, incluindo a exploração das influências da infância nas escolhas de carreira, o papel da família no desenvolvimento vocacional e a integração de abordagens ecológicas e psicossociais na orientação vocacional. Em última análise, esta pesquisa destaca a importância de um ambiente familiar favorável e a

necessidade da investigação assumir uma perspectiva interdisciplinar na exploração das aspirações, habilidades e valores dos jovens, nomeadamente na análise da participação da família na construção de trajetórias vocacionais bem-sucedidas, desde a infância.

CAPÍTULO 1. ENQUADRAMENTO CONCEITUAL

1.1 Família: Uma multiplicidade de conceitos

A família tem passado por significativas mudanças ao longo dos séculos, acompanhando as transformações sociais, culturais e tecnológicas. No mundo contemporâneo, o conceito mais atual de família destaca sua diversidade e capacidade de se adaptar à diferentes formas de convivência, transcendendo o formato nuclear tradicional (configuração familiar clássica, que envolve um pai, uma mãe e seus filhos, vivendo juntos em uma única unidade familiar e que historicamente foi considerada a norma em muitas sociedades). Um conceito mais inclusivo reconhece que as famílias podem ser formadas por laços de sangue, adoção, casamentos, uniões civis, ou mesmo relações de afeto e cuidado, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero de seus membros. Essa nova perspectiva enaltece o valor universal do respeito, igualdade e apoio mútuo entre todos os elementos e nos vários arranjos familiares (Bianchi, 2014; Stacey & Biblarz, 2001).

Historicamente, a família apresentava uma estrutura hierárquica rígida, com diferenças de gênero e idade, na qual as mulheres eram submissas ou subordinadas aos homens e os jovens aos mais velhos. A revolução industrial trouxe mudanças significativas, alterando as estruturas familiares para um formato conjugal ou nuclear, baseado em laços emocionais e preocupações com a educação dos filhos (Hareven, 1977).

Essa mudança na estrutura familiar também trouxe uma alteração no papel dos filhos. Anteriormente, os filhos eram vistos com uma fonte de ajuda e força de trabalho para a família, especialmente em sociedades agrárias. Com a revolução industrial e o desenvolvimento do sistema educacional, a ênfase na contribuição econômica dos filhos diminuiu, e a família passou a se preocupar mais com a educação e o bem-estar emocional das crianças (Ariès, 1962).

As transformações socioeconômicas resultantes da revolução industrial também levaram a mudanças na percepção do papel da mulher na família e na sociedade em geral. Com a crescente industrialização, houve uma maior demanda por trabalho assalariado e muitas mulheres passaram a trabalhar fora de casa, o que afetou a dinâmica familiar e as normas de gênero (Mitchell, 1974).

A partir do século XIX, a definição de família teve sua maior mudança, deixando para trás o modelo tradicional patriarcal, heterossexual, hierárquico e matrimonial. Passou-se a reconhecer e legitimar modelos plurais de família, como as uniões estáveis, famílias monoparentais, homoafetivas, anaparentais, paralelas, mosaico e

pluriafetivas (Almeida, 2008; Leite de Campos & Martinez de Campos, 2018).

No contexto constitucional português, a família é reconhecida como um direito universal, e mudanças legislativas têm refletido a evolução das concepções familiares. O Código Civil Português, por exemplo, foi alterado em 2010 para permitir o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, refletindo a busca pela igualdade e respeito às diferentes formas de família (Lei n° 9/2010).

O projeto de Lei N.º 402/VIII (Lei de Bases da Família) cita:

Fica assim, claramente expresso, que constitucionalmente a família é feita de pessoas e existe para a realização pessoal delas, não podendo a família ser considerada independentemente das pessoas que a constituem, muito menos contra elas.

Após a publicação da Carta Magna Portuguesa, é essencial ressaltar a abordagem feita pelos autores Diogo Leite de Campos e Mónica Martinez de Campos (2018):

“Por outro lado, o legislador constitucional quis assegurar a formação de um novo Direito da família. Enquanto que, tradicionalmente, a família era dominada por princípios de hierarquia e tradição, hoje é considerada um espaço diferente particularmente apto a promover a realização de certos aspectos da personalidade humana; mas em que os direitos da pessoa, nomeadamente o direito à igualdade, o direito à liberdade, etc., devem ser assegurados. Diversos princípios da Constituição visam precisamente assegurar que, no seio da família, sejam respeitados e promovidos os direitos da pessoa de cada um dos seus membros”

Dentre os diferentes tipos de famílias nesse contexto histórico, vale reforçar a colocação da autora portuguesa Susana Almeida, 2008:

“Assim, a família vai progressivamente dando lugar às famílias. Tal não significa que a família tradicional, constituída pelo pai, mãe e filhos, e fundada no casamento, tenha sido destronada ou que se possa falar em "crise na família". Ao invés, a família tradicional continua a ser a forma de vida familiar mais comum – como revelam os dados que, de seguida, se assinalam.(...) Com efeito, lado a lado com o referido modelo dominante despontam outras constelações familiares que foram saindo da marginalidade e conquistando legitimidade nos ordenamentos jurídicos europeus: as "famílias de facto", as "famílias monoparentais", as "famílias recombinadas" ou "pluriparentais", as famílias avoengas", as "famílias integradas por um transsexual", as "famílias homossexuais", entre outras. Como traço comum aponta-se o predomínio dos laços de afectividade.”

Maria Berenice Dias (2005) observa o conceito de família no campo jurídico, ao pensarmos sobre os

princípios da dignidade humana no direito da família, concebendo ser um preceito inerente a todo o ser humano nos novos modelos familiares, a saber:

"a ideia de família formal, cujo comprometimento mútuo decorre do casamento, vem cedendo lugar à certeza de que é o envolvimento afetivo que garante um espaço de individualidade e assegura uma auréola de privacidade indispensável ao pleno desenvolvimento do ser humano."

De modo geral, a literatura sobre o assunto traz o entendimento de família como sendo um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco, no qual os adultos são os responsáveis pelos cuidados com as crianças. Diante de tantas transformações no cenário do contexto familiar, como objeto de investigação, a família também traz variados conceitos no campo das ciências humanas. Nomeadamente na perspectiva ecológica-sistêmica, vê-se "como um sistema dinâmico das relações interpessoais recíprocas, enquadrado por múltiplos contextos de influências que são afetados por processos sociais e históricos de mudanças" (Rodrigo & Palácios, 1998).

Do ponto de vista psicossocial, a família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da criança, influenciando aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais. Ela proporciona um ambiente seguro e afetivo, sendo um importante respaldo emocional para a criança (Carter & McGoldrick, 1995). Por outro, do ponto de vista histórico e cultural não sendo assumido diversos formatos de família, sendo essencial valorizar a diversidade e a importância de todos os arranjos familiares na construção de uma sociedade inclusiva. Isso implica reconhecer que o afeto, o diálogo e o amor são os pilares fundamentais para a formação de laços sólidos e significativos entre as pessoas no seio da família.

1.2 Teorias psicossociais do desenvolvimento humano

Numa lógica de melhor entendermos a interação e a influência da família no desenvolvimento da criança, apresentamos de seguida algumas teorias relativamente abrangentes e que podem dar contributos para uma análise do desenvolvimento vocacional na infância e adolescência, e também como podemos entender a influência que os pais podem ter em tal desenvolvimento. Passaremos em análise a teoria biopsicossocial do desenvolvimento humano proposta por Urie Bronfenbrenner (1997), a teoria da parentalidade responsiva proposta por Diana Baumrid (1967) e a teoria da identidade de Erik Erikson (1972). Complementarmente, aludimos à teoria da vinculação afetiva proposta por Bowlby (1990) e aos desenvolvimentos mais recentes no seio da Psicologia Positiva, em especial aos do seu fundador Seligman (1988). Em todas estas abordagens estaremos centrados nos contributos teóricos para a leitura da infância

e o espaço da criança.

O Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner destaca a influência de uma teia de contextos, formados por sistemas e relações, nos quais a criança está inserida, com foco especial na família como o sistema mais próximo e significativo da sua existência numa fase de maior dependência.

A interação dos diferentes níveis ambientais mais próximos ou distais (microsistema, mesossistema, exossistema, macrosistema e cronossistema) impactam o desenvolvimento da criança (Portugal, 1992):

Por microsistema entendemos família, a creche e a escola, os amigos e vizinhos, ou seja, contextos de interações face-a-face que afetam o comportamento, as emoções, as atitudes e os valores da pessoa, e nos quais ela participa diretamente. A família é considerada o sistema mais próximo e significativo da existência da criança, especialmente em uma fase de vida de maior dependência. Um exemplo de microsistema seria a relação entre pais e filhos dentro de casa.

Por mesossistema entende-se as inter-relações entre dois ou mais contextos nos quais a criança participa, por exemplo as relações entre a família e a escola tendo a criança como alvo ou centro da ação educativa dos dois contextos; as relações entre os amigos e os professores, entre os vizinhos e os colegas, etc. Um exemplo de mesossistema seria a comunicação entre os pais e os professores sobre o comportamento e o desempenho escolar da criança.

Por exossistema entendem-se as variáveis que, não tendo uma influência direta na criança, acabam por ser importantes porque afetam a família, a escola e as suas práticas educativas, por exemplo o contexto urbano ou rural de vida e os recursos educativos disponibilizados na comunidade; o trabalho dos pais, as políticas públicas, os meios de comunicação ou as organizações comunitárias, etc. Nesse sistema, ocorrem as influências externas que podem afetar positiva ou negativamente o desenvolvimento do indivíduo. Um exemplo de exossistema seria a mudança de emprego por parte dos pais implicando uma mudança de residência da família.

Por macrosistema entende-se a rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para outra, como o sistema político de um país ou o sistema de valores dominantes, as normas, as leis, etc. Nesse sistema, ocorrem as influências globais que moldam o modo de vida do indivíduo em sociedade. Um exemplo de macrosistema seria a religião que orienta as crenças e os comportamentos dos indivíduos e seus grupos, por exemplo a família.

Finalmente, por cronossistema entende-se o nível formado pela dimensão temporal do desenvolvimento humano, ou seja, as mudanças históricas, sociais e pessoais que ocorrem ao longo da vida do indivíduo. Nesse

sistema, ocorrem as influências dinâmicas que afetam o desenvolvimento do indivíduo em diferentes momentos e etapas. Um exemplo de cronossistema seria a transição da infância para a adolescência que implica em mudanças físicas, psicológicas e sociais na criança.

A teoria de Bronfenbrenner sobre a ecologia humana propõe análises acerca do impacto do contexto social no processo de desenvolvimento individual, sustentando que o ambiente no qual nos criamos, exerce influência significativa em nossos projetos de vida, além de propor um conjunto alargado e abrangente de sistemas que se relacionam entre si, sendo que a influência de cada um deles no desenvolvimento da criança depende do seu relacionamento com os outros (Portugal, 1992). Basicamente o modelo propõe que o desenvolvimento e o modo de ser das crianças muda de acordo com o contexto em que crescem, sendo importante estudar as propriedades desses contextos que mais positiva ou negativamente influenciam o desenvolvimento infantil já em idades bem precoces. De acordo com a teoria, as maneiras pelas quais ocorrem as interações dentro da família e nas instituições de acolhimento ou na escola, por exemplo, fundamentam-se em três características específicas que auxiliam na construção do microsistema: “a reciprocidade, o equilíbrio de poder e a relação afetiva” (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Outros autores seguiram esta orientação ecológica na explicação do desenvolvimento psicossocial da criança. Um desses modelos, o modelo bioecológico do desenvolvimento de Sameroff e Fiese (1990; 2000), destaca a importância das interações familiares, dos processos de comunicação e da coesão familiar no desenvolvimento da criança. São explorados nessa teoria, os fatores contextuais, como o estresse familiar, a qualidade do relacionamento conjugal e a organização familiar. Todos estes aspectos são valorizados como impactando no desenvolvimento da criança, sendo essa importância decorrente das práticas parentais positivas, das rotinas familiares consistentes e de uma comunicação aberta e afetiva com a criança.

Em linha com a perspectiva sociocultural do desenvolvimento humano apresentada por Vygotsky, Bronfenbrenner (1996) propõe que as crianças se desenvolvem na interação com o “Outro”, ou seja, seus cuidadores que lhes asseguram a subsistência, segurança e afeto. Tais interações definem-se como espaços de estimulação, desafio, incentivo, reforço, autonomia e responsabilidade. Dentro desta perspectiva sociocultural mais abrangente, o desenvolvimento psicossocial deve ser visto como uma expressão de sistemas sociais e realidades culturais, sendo que aquilo em que uma criança se torna, tem muito a ver com aquilo que é considerado adequado pelos grupos sociais de que participa e pela realidade cultural em que se desenvolve. É nesta teia de contextos e relações que a criança forma a autoimagem e autoestima, ou a forma como progressivamente se passa a ver e a entender como cidadã, pensadora e aprendiz.

Por outro lado, partindo dessa visão teórica, e assumindo a família no microsistema como espaço de maior potencial de influência no desenvolvimento da criança, por abarcar as relações proximais, estabelecidas face-a-face e desde as idades mais precoces, neste nosso estudo buscamos compreender de que modo essas influências ocorrem e/ou justificam a sua importância no desenvolvimento vocacional ou de carreira. Mais concretamente como as práticas familiares estão presentes na tomada de decisões vocacionais futuras, nomeadamente nas escolhas dos cursos de formação académica ou na escolha profissional durante a adolescência.

Um segundo modelo teórico a abordar na nossa síntese teórica é o modelo da parentalidade responsável, proposto por Diana Baumrind (1966). Este modelo enfatiza a importância que os pais sejam sensíveis, responsivos e afetuosos, e que ofereçam orientação adequada às necessidades das crianças. Baumrind realizou pesquisas extensas e observações empíricas para compreender como diferentes estilos parentais afetam o desenvolvimento das crianças, definindo estilos educativos parentais como o conjunto de atitudes e práticas dos pais em relação aos filhos que caracteriza a natureza da interação entre eles Baumrind (1966, 1967).

Três estilos parentais foram então apresentados como bastante consistentes na investigação na área: autoritativo, autoritário e indulgente (Baumrind, 1966), tendo Maccoby e Martin (1983) mais tarde incluído um quarto estilo parental que designaram por negligente. Estes estilos diferenciam-se em dois parâmetros: responsividade (*responsiveness*) e exigência (*demandingness*). Por responsividade entende-se as atitudes compreensivas dos pais, traduzidas em apoio emocional, boa comunicação, desenvolvimento da autonomia e ajuda à autoafirmação dos filhos. A exigência vai em sentido oposto, e abarca as atitudes dos pais de controle dos comportamentos fixando regras e limites bem precisos.

Assim, os estilos autoritativos caracterizam-se por elevada responsividade e exigência; os negligentes apresentam baixa responsividade e exigência; indulgentes são muito responsivos, mas pouco exigentes; e os autoritários são muito exigentes e pouco responsivos (Maccoby & Martin, 1983). Do ponto de vista de um desenvolvimento psicossocial mais positivo das crianças, a investigação aponta vantagens do estilo educativo autoritativo. Neste os pais estimulam a liberdade e a autonomia das crianças, escutando os seus desejos e opiniões (Baumrind, 1971).

Baumrind (1971) entende que a formação dos pais pode ser uma medida interventiva necessária pois a falta de habilidades sociais educativas por parte dos pais pode favorecer o uso de práticas punitivas e abusivas, ou práticas de negligência, acabando por colocar em causa o normal desenvolvimento psicossocial da criança. O exercício da parentalidade positiva passa muito pela combinação de afeto, limites claros e comunicação aberta, uma

relação pautada por confiança e respeito mútuo entre pais e filhos.

Em Portugal, são conhecidos os estudos da Professora Orlanda Cruz (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto) nesta área dos estilos educativos parentais e da parentalidade positiva. Numa combinação das dimensões exigência e responsividade avançou, através da análise do conteúdo de entrevistas, para a identificação dos itens de um questionário para a avaliação dos quatro estilos educativos parentais já atrás mencionados (Ducharme et al., 2006).

Este questionário assegura a diferenciação dos quatro estilos educativos e identifica famílias que possam se beneficiar de formação tendo em vista uma parentalidade positiva. Esta aparece associada a alguns princípios educativos fundamentais na atuação dos pais face aos seus filhos, por exemplo a preocupação na satisfação das necessidades básicas da criança, onde se incluem as necessidades de afeto, confiança e segurança. A parentalidade positiva pressupõe, também, a organização de um ambiente familiar estruturado, positivo e estimulante, pautado por supervisão, disciplina, compreensão e afeto.

Cruz (2008) explora a complexa interação entre as teorias psicológicas e as percepções das crianças sobre suas figuras parentais. A autora aborda as teorias desenvolvimentais de Piaget, Erikson e Bowlby para analisar como as experiências e interações com os pais moldam as representações mentais das crianças sobre eles. Ela destaca a importância dessas representações para o desenvolvimento psicológico e emocional das crianças, ressaltando a necessidade de compreender e apoiar positivamente as relações parentais na infância.

Uma terceira teoria psicológica do desenvolvimento a mencionar na nossa dissertação é a teoria do apego ou de vinculação de John Bowlby (1969, 1990). Esta teoria enfatiza a importância dos vínculos afetivos entre pais e filhos no desenvolvimento infantil e explora os diferentes tipos de vinculação (seguro, ansioso-ambivalente, evitante e desorganizado), sendo esses padrões de apego influenciadores no desenvolvimento social e emocional da criança. Esta teoria também considera a sensibilidade parental e a capacidade de resposta dos pais às necessidades emocionais da criança, entendidas como fatores-chave na construção de um apego seguro (Bowlby, 1969, 1973, 1980).

Bowlby (1969, 1990) argumenta que vínculos afetivos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Ao criar uma base emocional segura, os cuidadores fornecem um ambiente propício para a exploração do mundo, encorajando a criança a buscar novas experiências e a enfrentar desafios com confiança. Além disso, a presença de um cuidador sensível e responsivo permite que a criança desenvolva um senso de segurança interna, confiando na disponibilidade do cuidador para atender às suas necessidades emocionais.

Esses vínculos afetivos seguros estabelecidos nas primeiras fases da vida da criança servem como modelo para futuros relacionamentos interpessoais, influenciando a capacidade de estabelecer conexões saudáveis, duráveis e resilientes ao longo da vida. Portanto, compreender a importância dos vínculos emocionais seguros entre a criança e seus cuidadores é essencial para promover o bem-estar e o desenvolvimento saudável na infância, desde logo a tomada de iniciativa e a autonomia progressiva da criança.

Isabel Soares é uma investigadora e professora da Universidade do Minho (Escola de Psicologia) com pesquisas no campo da vinculação ao longo do desenvolvimento humano. A sua obra "Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação" (Soares, 2007) reúne as principais contribuições da teoria da vinculação, que explica como as relações afetivas entre as pessoas influenciam o seu desenvolvimento emocional, social e vocacional. Da mesma forma, nesta publicação analisa as implicações da vinculação para a compreensão da psicopatologia ao longo da vida, descrevendo as características de uma vinculação positiva e negativa na infância, na adolescência e na idade adulta, e seus reflexos no desenvolvimento psicossocial das pessoas envolvidas.

Segundo esta teoria, as crianças que estabelecem vínculos seguros com os seus cuidadores na infância têm mais facilidade em explorar o mundo, aprender novas habilidades, adaptar-se a situações desafiantes e construir uma identidade pessoal e profissional. A teoria da vinculação também sugere que os modelos internos de relação que se formam na infância continuam a influenciar as escolhas e comportamentos ao longo da vida, incluindo as escolhas e comportamentos vocacionais. Assim, a teoria da vinculação pode ajudar a compreender como as relações familiares, escolares e sociais afetam o desenvolvimento vocacional da criança ou de exploração de carreiras pelos jovens. Por exemplo, alguns estudos mostraram que a vinculação segura está relacionada com maior exploração vocacional, melhor tomada de decisão de carreira, maiores aspirações educacionais e profissionais, maior orientação para a carreira e transições mais eficazes e saudáveis. Outros estudos indicaram que a vinculação segura também está associada a maior ajustamento ao trabalho, melhores relações no trabalho e maior maturidade de carreira. Nesta altura, a teoria da vinculação pode ser uma ferramenta útil para a análise do desenvolvimento vocacional e de carreira ao longo do ciclo de vida dos indivíduos.

Na teoria sobre o desenvolvimento psicossocial, Erik Erikson explora a trajetória do desenvolvimento humano desde a infância até à terceira idade. Erikson (1972) sustenta que, durante os estágios da infância e adolescência, as crianças passam por um processo progressivo de construção da identidade, no qual experimentam diferentes papéis sociais e constroem uma compreensão de sua própria identidade, dos seus papéis e da sua competência produtiva.

Erikson postula que, nos primeiros anos de vida, as crianças desenvolvem um senso fundamental de confiança ou desconfiança em relação aos outros e ao mundo ao seu redor. Nessa fase, a família desempenha um papel central ao proporcionar afeto e apoio, essenciais para que a criança desenvolva uma confiança tanto em si mesma quanto nos outros, sendo esta confiança ponto de partida para explorar novas atividades e construir a percepção de competência (Erikson, 1950, 1972).

Segundo Erikson (1972) é crucial destacar a importância da socialização durante a infância, pois ela desempenha um papel fundamental no desenvolvimento saudável da criança. A família assume uma função crucial nesse processo, transmitindo valores, normas e habilidades sociais que são essenciais para a integração da criança na sociedade e contribuem para que, através de uma socialização adequada, a criança venha a desenvolver uma perspectiva ampla e positiva do mundo, permitindo que se desenvolva como um membro saudável e contributivo para a sociedade em que está inserida.

Por último, apresentamos os contributos da Psicologia Positiva na análise do desenvolvimento psicológico. Na abordagem de Martin Seligman (1990, 1995), pioneiro da psicologia positiva, destaca-se a importância do clima familiar positivo na vida da criança, reconhecendo o impacto das emoções e do bem-estar emocional em seu desenvolvimento. O clima familiar positivo, caracterizado por emoções positivas, apoio e autonomia, desempenha um papel fundamental no crescimento da criança. Em um clima familiar positivo, as emoções positivas (autoestima, autoeficácia e otimismo, por exemplo) são cultivadas e valorizadas, promovendo a criação de vínculo afetivo seguro entre os membros familiares, assim como conexões fortes e saudáveis para o bem-estar emocional da criança.

Em alternativa a uma psicologia mais centrada nas dificuldades e nos déficits, a Psicologia Positiva aponta as fortalezas que crianças e adultos possuem para se desenvolverem e realizarem de uma forma positiva ou otimista. Reportando-se à família, a Psicologia Positiva defende que pais podem criar um ambiente emocionalmente seguro e amoroso, e cognitivamente responsivo, no qual a criança se sinta confortável expressando suas emoções e experiências, explorando e ganhando percepções de competência. Com efeito, o fato da criança se sentir amada, valorizada e apoiada em seu ambiente familiar, desenvolve a segurança para explorar novas possibilidades no mundo, incluindo seus projetos de carreira e de futuro académico e profissional.

Dessa forma, o vínculo emocional entre os membros da família é fortalecido e propicia à criança um espaço seguro para se expressar, desenvolver habilidades de autorregulação emocional e reconstruir uma visão positiva de si mesma e do mundo ao seu redor. O apoio mútuo entre os membros familiares oferece incentivo e reconhecimento nas conquistas e encorajam o crescimento e a autonomia da criança, fortalece a autoestima e a confiança, permite que a criança se sinta segura para explorar suas paixões, perseguir seus interesses e superar desafios ao longo do

caminho para uma carreira profissional.

Em síntese, existe uma multiplicidade de definições e conceitos para falar da relevância da família no desenvolvimento psicossocial da criança e cada cultura trará a sua visão revestida de sua história, de vínculos biológicos, estatuto legal e/ou religiosos, entre outras considerações. Nesse contexto amplo de vivências e oportunidades para o crescimento, a família tem um papel essencial na promoção de um desenvolvimento holístico. Desde a infância, ela pode influenciar a carreira dos filhos, possibilitando que eles definam objetivos de vida mediante ações auto-orientadas que valorizem suas competências e promovam a consciência de seu papel no mundo profissional. Além disso, é importante oferecer recursos de apoio aos pais, para que eles possam exercer uma influência positiva na vida de seus filhos.

1.3. Infância: Uma definição histórica e cultural

A infância, abrangendo qualquer ser humano com menos de dezoito anos de idade (Convenção sobre os Direitos da Criança, Artigo 1º), é um campo multidisciplinar que tem evoluído ao longo do tempo e do espaço, considerando aspectos culturais, políticos, históricos e econômicos. Para compreender sua relevância na sociedade contemporânea, é fundamental analisar sua evolução histórica e as teorias que a procuram definir e compreender. (Formosinho & Formosinho, 2008)

Na Idade Média, as crianças eram consideradas pequenos adultos, sem direitos ou autonomia. Philippe Ariès, um historiador francês, argumentou que a infância é uma construção social moderna, destacando a transição da sociedade feudal para a industrial. Ele usou imagens históricas para descrever essa mudança, enfatizando a diferenciação entre crianças e adultos (Ariès, 1981).

Durante o século XVI, surgiram retratos de crianças mortas, marcando um momento importante na história da infância ao trazer à opinião pública sentimentos e piedade em relação às crianças. Antes disso, a infância era apenas uma fase sem importância (Ariès, 1981). No entanto, essas mudanças não foram lineares, e a visão da infância variou de acordo com o contexto histórico e geográfico.

Assim, a visão da infância ao longo da história sofreu profundas transformações, moldando-se de acordo com os contextos sociais, culturais e filosóficos de cada época. No âmago dessa evolução, encontramos raízes nas visões platônicas sobre educação. Platão, filósofo grego do século IV a.C., via a criança como um ser em desenvolvimento, cuja educação deveria ser cuidadosamente planejada.

Sua obra "A República" introduziu a ideia de que a formação moral e intelectual deveria começar na infância, e as crianças eram consideradas como potenciais guardiãs da ordem social ideal (Platão, 2010). Kohan (2003) destaca que, no pensamento platônico, a criança era vista como inferior, uma fase inferior à vida adulta. Ela era concebida com o "outro" desprezado e excluído. Além disso, a infância era vista como uma possibilidade de preparar futuros governantes, especialmente os filhos de homens superiores.

Na Idade Média, as crianças eram frequentemente vistas como páginas em branco a serem moldadas pelos adultos. A educação nesse período estava fortemente vinculada à religião e à transmissão de valores morais. As crianças eram preparadas para seus papéis na sociedade medieval, e a educação formal estava reservada principalmente para a nobreza e o clero. Essa visão de infância refletia a ideia de que as crianças eram simples adultos imperfeitos, que precisavam ser direcionados para o caminho correto (Heywood, 2004).

Postman (2011) observa que, nos tempos medievais, as crianças eram desconsideradas. Não havia literatura infantil, e a linguagem não era diferenciada entre adultos e crianças. As crianças eram vistas como incapazes de falar até uma certa idade e, quando podiam, eram imediatamente tratadas como adultos.

Esse período medieval foi marcado por altas taxas de mortalidade infantil provenientes da falta de cuidados básicos e higiene, aliás as famílias tinham muitos filhos com a estimativa de que dois ou três sobrevivessem.

"a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança", no caso "da criança morta, não se considerava, que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança" (Ariès, 1981, p. 21).

Stearns (2006) contrapõe as visões de Ariès e Postman ao conceber que a criança pequena sempre necessitou de cuidados de um adulto mais próximo para prover-lhe alimento, cuidado com a saúde física e emocional, proteção do frio e do calor, características peculiares à infância em todas as sociedades, independentemente do tempo e espaço. Isso pode ser aceito também como uma formação para a vida adulta.

No século XVIII, ocorreu uma mudança significativa na percepção da infância. A arte passou a enfatizar a infância, revelando a descoberta da primeira infância, o corpo e a oralidade das crianças (Ariès, 1981). A necessidade de tratamento especial para as crianças surgiu entre os séculos XV e XVII, substituindo a ideia de que elas eram simples adultos imperfeitos (Heywood, 2004). A escola passou a desempenhar um papel importante nesse processo, estabelecendo uma espécie de "quarentena" na vida da criança (Heywood, 2004).

Nos séculos XVIII e XIX, emergiu a visão da "criança médico-psicológica", em resposta aos estudos nos quais começaram a se interessar pelo bem-estar e desenvolvimento infantil, levando ao surgimento da concepção

da criança como um sujeito que precisava de cuidados específicos. (Formosinho & Formosinho, 2008).

Nesse contexto, a escola passou a desempenhar o papel de moralizar as crianças, impondo comportamentos e padrões universais de conhecimento, o que gerou a nova concepção de "aluno" (Heywood, 2004). A revolução Industrial trouxe visibilidade social para a criança operária, destacando as condições sub-humanas enfrentadas por elas. Isso levou ao surgimento da concepção da "criança delinquente" no século XIX, evidenciando as insuficiências sociais da época.

Nos períodos situados entre as duas grandes guerras mundiais, a privação tornou-se visível, mediante o afastamento das crianças do contacto com seus pais, por longos tempos, fosse porque as mães trabalhavam ou por retirada das zonas de guerra o que trouxe a tona a nova concepção de criança: a criança da família e a criança pública; ressaltada sob a importância da vinculação no desenvolvimento da criança e a dimensão pública dada a organização de diferentes respostas a esses problemas (Soares, 2001, 2005).

Na contemporaneidade, os estudos da infância, as definições de infância traduzem-se como um período distinto da vida adulta e dá um novo lugar tanto para a criança quanto para a família nas sociedades modernas; em especial no campo sociológico da infância, a infância é descrita como um sujeito ativo, rompendo com o adultocentrismo e valorizando-a como um ser social, histórico e produtora de cultura. Nesse sentido, a infância ganha corpo como categoria social enquanto ideia moderna (Sarmiento, 1997, 2004). É consignada a importância do reconhecimento da criança enquanto grupo social com direitos, uma vez que por longa data da história a criança nem sequer foi considerada enquanto ser humano.

“As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazem-no com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. É por isso que o lugar da infância é um entre-lugar [...] o espaço intersticial entre dois modos – o que é consagrado pelos adultos e o que é reinventado nos mundos de vida das crianças – e entre dois tempos – o passado e o futuro. É um lugar, um entre-lugar (Bhabha, 1998) socialmente construído, mas existencialmente renovado pela acção colectiva das crianças. Mas um lugar, um entre-lugar, pré-disposto nas suas possibilidades e constrangimentos pela História. É por isso um lugar na História” (Sarmiento, 2004, pp. 2-3).

Na sociologia da infância, a criança é considerada uma categoria social por direito próprio, com políticas e práticas específicas. Elas são sujeitos com voz própria que tomam decisões e devem ser respeitadas como atores sociais. (Sarmiento, 2004; Sarmiento et al., 2017). A infância pode ser então entendida como uma categoria social permanente que historicamente influencia a organização económica e social, e as crianças desempenham um papel ativo na construção da sociedade (James, 2007).

De acordo com a teoria da infância como fenômeno social, segundo Qvortrup (2011), ela é considerada uma forma particular e distinta de qualquer outra estrutura social da sociedade. Isso porque tem políticas diferenciadas, um tempo e lugar específicos e características que a distinguem dos adultos.

É importante destacar que a concepção de infância varia amplamente entre diferentes culturas e grupos sociais. A variação é influenciada por fatores como classe social, grupo étnico, religião e nível de instrução da população (Sarmiento, 2007).

Portanto, é fundamental reconhecer a diversidade de experiências infantis e considerar esses contextos ao abordar questões relacionadas à infância. Por outro lado, além da evolução histórica da concepção de infância, é importante considerar as diferentes perspectivas teóricas que influenciaram nossa compreensão desse estágio da vida. Diversas abordagens teóricas oferecem insights valiosos sobre o desenvolvimento infantil e a maneira como as crianças interagem com o mundo ao seu redor.

Na *visão estruturalista*, o objeto são as condições estruturais em que a infância se situa e onde ocorrem as possibilidades de ação das crianças. A ênfase é dada à categoria permanente e geracional. Nessa perspectiva, compreende-se a infância a partir de indicadores demográficos, econômicos e sociais. Os temas privilegiados são as imagens históricas da infância, políticas públicas, demografia e economia.

Na *visão interpretativa*, o interesse está em compreender com detalhes as ações das crianças e como elas se desenvolvem (Formosinho & Formosinho, 2008). O objeto são as práticas sociais das crianças e a ênfase está na reprodução interpretativa (Corsaro, 2011). A orientação metodológica baseia-se em estudos etnográficos com crianças, estudos de caso e outros estudos de caráter qualitativo. Os temas privilegiados são as interações, os contextos e as culturas da infância.

Na *visão crítica*, o objeto tem foco na infância como oprimida e em condição social de desigualdade e de exclusão (Soares et al., 2005). A ênfase está na emancipação da infância como componente da emancipação social mais ampla (Sarmiento et al., 2017). A orientação metodológica baseia-se na investigação-ação e na investigação participativa. Os temas privilegiados são dominação política, social e cultural da infância, além de patriarcalismo e gênero, maus-tratos, políticas públicas e movimentos sociais (Sarmiento, 2007).

Por último, na *visão desconstrucionista*, o objeto tem como conceito a infância enquanto discurso socialmente produzido com ênfase na natureza discursiva. A abordagem metodológica tem análise do discurso como base e os temas privilegiados são as condições sociais de produção do discurso sociológico e os efeitos

performativos do discurso sobre a infância.

Apesar da evolução conceitual da infância e da criação de diversos órgãos para atender às necessidades das crianças em contextos de risco e privação, ainda é necessário um comprometimento alargado das instâncias públicas a nível nacional e internacional. O objetivo é garantir os direitos das crianças, não apenas em termos de proteção, mas também como um assunto prioritário nas discussões e construções políticas, econômicas e sociais. As crianças devem ser vistas como sujeitos ativos na sociedade, com direito à participação e é importante contextualizar historicamente o conceito de infância, pois ele tem sido interpretado de diferentes maneiras ao longo do tempo e do espaço.

Em geral, o conceito de infância tem sido visto sob a ótica do adulto e associado ao *status* da família ou da escola. No entanto, cada período histórico tem um sentido diferente para a infância, dependendo das condições sociais (classes sociais) e dos referenciais que definem a infância.

Como cita Sarmiento (2007), a variação das concepções da infância é influenciada por variáveis como classe social, grupo étnico ou nacional, religião predominante e nível de instrução da população [...]” (p. 29). Entender o contexto da infância no mundo possibilita que possamos compreender melhor as necessidades e desafios enfrentados pelas crianças.

A infância é uma fase crucial na vida de uma pessoa, pois é quando ocorre grande parte do desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. Além disso, as experiências vividas durante a infância podem ter um impacto significativo na vida adulta. Portanto, é fundamental que nos esforcemos para garantir que todas as crianças tenham acesso a oportunidades e recursos que lhes permitam crescer e se desenvolver de maneira saudável e feliz.

Do exposto, é de se ressaltar que, desde a infância, inúmeras capacidades são desenvolvidas para preparar o indivíduo no seu percurso do mundo do trabalho, tais como: a comunicação, a criatividade, a linguagem, o raciocínio, o pensamento e a emoção. Essas capacidades contribuem para o desenvolvimento da criança, num universo de diferentes “infâncias”, nos diferentes ambientes e papéis sociais desempenhados até a adolescência e que sofrem grandes impactos sob a influência da família e de seus pares, para determinar suas escolhas.

1.4. O papel da família no desenvolvimento da carreira

Neste apartado, pretendemos contribuir com a apresentação sobre a influência da família no desenvolvimento vocacional da criança e na construção de planos de carreira, considerando que ela desempenha papel crucial como primeiro ambiente no qual a criança é exposta a diferentes valores, crenças e modelos

profissionais (Super, 1990).

A Educação para a carreira, um componente fundamental na promoção do desenvolvimento profissional na infância, representa o primeiro eixo da estratégia que busca integrar de maneira eficaz a educação e carreira no contexto educacional (Hoyt, 2005). Essa abordagem tem uma longa trajetória internacional, datando desde a década de 1970, principalmente nos Estados Unidos da América e alguns países europeus, onde programas têm sido implementados em instituições de ensino abarcando todos os níveis de escolaridade.

A Educação para a Carreira é uma modalidade de intervenção que se insere no âmbito da Orientação Profissional e de Carreira, e é concebida como uma colaboração entre a Psicologia e a Educação. Seu objetivo é capacitar os alunos a estabelecer conexões sólidas entre a educação e o trabalho, adquirindo competências gerais que promovam um desenvolvimento de carreira positivo, permitindo que cada indivíduo integre o trabalho, remunerado ou não, como uma parte significativa do seu estilo de vida (Hoyt, 2005). A família assume papel relevante nesta área de desenvolvimento da criança (Munhoz & Melo-Silva, 2011; Watts, 2001).

Independente do tipo de família, seu papel é relevante no desenvolvimento de cada pessoa na evolução sob qualquer ordem, seja econômica, social ou política. Embora seus valores fossem alterados, e diante de uma multiplicidade de definições e conceitos para falar de família, cada cultura trará a sua visão revestida de sua história, de vínculos biológicos, estatuto legal e ou religiosos, entre outras considerações. Desde tenra idade, a criança começa a absorver informações e referências sobre o mundo do trabalho por meio das interações familiares (Gottfredson, 2002). A forma como os pais valorizam o trabalho, as conversas sobre carreiras e as expectativas em relação ao futuro profissional podem moldar as percepções e as aspirações vocacionais da criança (Lent, Brown, & Hackett, 1994).

Segundo Super (1980), a maturidade vocacional é concebida como um estado ao longo do contínuo das fases do desenvolvimento que é conceptualizada como o grau de preparação individual para escolher carreiras, bem informadas, apropriadas à fase de desenvolvimento e mediante às oportunidades e barreiras existentes no meio social, dá forma à sua carreira. Nesse processo, a maturidade vocacional, tem o caráter multidimensional envolvendo dimensões atitudinais, como as atitudes de exploração e planeamento, assim como dimensões cognitivas, nomeadamente o conhecimento sobre o processo de desenvolvimento da carreira e sobre o mundo do trabalho (Super, 1990).

As autoras, Carter e McGoldrick (1995) apontam que até a década de 1960, a família era responsável por ensinar e criar as possibilidades de trabalho para seus membros e, depois da revolução tecnológica, os pais necessitaram do apoio de sistemas externos, em particular da escola, para assegurar a entrada de seus filhos

no mundo do trabalho. Mediante esse contexto, as autoras apontam que a família passou a ser o respaldo emocional também para a escolha profissional dentro de uma sociedade que se modifica a cada dia e que na adolescência tomará outro vulto a partir dos desafios e questionamentos sobre os valores e crenças.

Em momentos anteriores às escolhas acadêmicas e profissionais, o indivíduo precisa ter passado por outras situações de escolhas e ofertas de oportunidades das mesmas, desde a mais tenra idade na infância. Esta afirmação reconhece que a escolha profissional é um processo contínuo que perdura até a idade adulta apresentada pelos adolescentes e jovens. Soares (1991) sugere que deveria haver um maior aprofundamento nas investigações sobre a relação entre diferentes variáveis familiares sistêmicas e diferentes dimensões da indecisão vocacional, uma vez que a indecisão vocacional é multivariada, havendo interesse em se conhecer o papel desempenhado pelos vínculos e interações da criança com seus pais na autonomização e construção de identidade vocacional. Reforçando essa influência familiar na vida dos filhos, Soares (2002) destaca que as relações que a família estabelece com o mundo do trabalho norteiam a escolha do adolescente no período da escolha profissional, os pais colocam a sua escolha profissional em questão, projetando neles aquilo que eles não realizaram com êxito bem como o valor atribuído ao trabalho pelos pais determinam importância nas escolhas. No que diz respeito à investigação sobre o papel parental no desenvolvimento vocacional de crianças e jovens, têm-se destacado as diferenças de gênero. Kracke (1997), ao analisar a exploração de carreiras, sugere que o apoio parental produz resultados similares, independentemente do gênero do jovem ou do nível educacional dos pais. Analisando a influência do comportamento dos pais na exploração de carreiras por parte dos filhos, observa-se uma maior responsividade a tal influência na infância sugerindo que relações recíprocas e apoio mútuo entre pais e filhos estão diretamente ligadas a atitudes de exploração vocacional mais ativas por parte de crianças e jovens (Kracke, 1997).

Na linha da relevância das experiências na infância, Santos (2010) aponta que as interações de índole vocacional no sistema familiar podem estar associadas à decisão ou indecisão na escolha profissional. Tal importância, em conformidade com Soares (2002) quanto a essa influência da família na tomada de decisões do adolescente para a escolha profissional, vem reforçar a necessidade de atempadamente buscar medidas de apoio e conscientização da família em experiências de exploração vocacional e desenvolvimento de competências de carreira desde a infância.

Os estudos destes autores apontam que tais experiências e processos na infância asseguram níveis de maior maturidade vocacional na adolescência.

Gonçalves (2000) diz que o desenvolvimento vocacional ocorre ao longo do ciclo vital, decorrente da sua percepção de mundo e seus significados que são transformados mediante a qualidade de suas explorações em diferentes contextos de vida, de novo destacando que também ocorre na infância. Em linha com o modelo ecológico

de Bronfenbrenner, destaca que as escolhas acontecem em maior ou menor escala mediante as interações e papéis que os sujeitos estabelecem nos contextos nos quais estão inseridos, influenciando e sendo influenciados (Gonçalves, 2007).

Ainda conforme Gonçalves (2007), o papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus filhos é analisado a partir de uma abordagem construtivista e ecológica do desenvolvimento vocacional. No contexto familiar, principalmente os pais como figuras significativas, influencia direta ou indiretamente as trajetórias vocacionais dos adolescentes e jovens.

Em seu estudo analisa as ações intencionais ou não que os pais realizam para apoiarem os seus filhos na construção de trajetórias vocacionais em momentos do seu percurso vocacional, nomeadamente: (a) proporcionando-lhes atividades concretas de exploração vocacional; (b) acompanhando-os e apoiando-os nas várias etapas de formação, concretamente nos momentos em que têm que realizar escolhas vocacionais nos discursos emergentes transacionados no contexto da família acerca dos significados atribuídos ao trabalho.

Neste sentido, diversas variáveis ou condicionantes da vida familiar podem afetar a relação dos pais com a criança, o espaço de autonomia da criança e o seu desenvolvimento vocacional.

Segundo Gonçalves (2007), o nível sociocultural e económico da família são determinantes na construção e planeamento dos projetos vocacionais dos filhos, de modo que a qualidade do apoio por parte dos pais além de suas experiências do mundo do trabalho no que tange os valores profissionais identificados em diferentes situações como mitos, crenças, tradições, aspirações ou estereótipos, todos com impactos significativos nas decisões vocacionais dos jovens que merecem serem explorados ou analisados.

A qualidade do desenvolvimento vocacional depende da qualidade das experiências exploratórias e desafiantes, oferecidas pelos contextos de vida (Gonçalves & Coimbra, 1994, 2007).

Para além dos pais, outros agentes participam no desenvolvimento vocacional na infância. Guay e colaboradores (2003) conduziram um estudo que respalda a noção de que tanto os colegas quanto os pais desempenham um papel significativo no apoio à autonomia, ou seja, ao permitir escolhas, fornecer informações e incentivar a participação em várias atividades, visando o desenvolvimento da confiança nas decisões de carreira, essas atitudes de apoio contribuem para o crescimento da autonomia percebida pelos jovens (Guay et al., 2003).

Por sua vez, em estudos de Taveira (2000) sobre a exploração e desenvolvimento dos jovens, reconhece-se que em ambientes e contextos relacionais significativos, nos quais a autonomia e a vinculação ocorrem de forma satisfatória, a motivação para a exploração vocacional acontece de forma mais facilitada. Ainda em sua investigação com

jovens do ensino básico e secundário (9.º e 12.º anos), reconhece a necessidade de explorar estudos dessa natureza em grupos etários mais jovens ao considerar que esse processo desenvolvimental acontece ao longo da vida e não exclusivamente nos últimos anos da adolescência ou nos primeiros anos da vida adulta. Dietrich e Kracke (2009) identificaram que as percepções dos jovens em relação às atitudes de seus pais no contexto de carreira podem ser adequadamente avaliadas em termos de apoio, interferência e falta de envolvimento já durante a infância, mesmo havendo ainda pouca investigação na área.

É importante apontar que existem poucos estudos considerando o desenvolvimento da carreira como processo que ocorre ao longo da vida profissional de uma pessoa, significativamente desde a infância. De acordo com Taveira (2020), há poucos trabalhos que tratam sobre a influência familiar nas competências vocacionais nas crianças.

A importância da influência familiar na formação dos interesses durante o processo de tomada de decisão de carreira, ganha destaque especialmente no contexto da educação, levando a autora a propor uma investigação sobre a maneira como essa influência familiar ocorre durante a infância.

Nesse contexto, aliás, a nossa dissertação pretende aprofundar o nosso conhecimento sobre os processos de exploração vocacional que ocorrem desde a infância permeados pela interação com a família e que culmina na tomada de decisão para a escolha profissional, nomeadamente com a escolha de curso no Ensino Superior.

Considerando o modelo ecológico de desenvolvimento, poderíamos dizer que as experiências de oportunidades de exploração vocacional que a criança tem na família e na escola (microsistema) poderiam ser influenciadas pelas políticas educacionais (exossistema) e pelos valores culturais sobre as carreiras (macrosistema). Essa abordagem não se limita a um único ambiente restrito, mas concebe a organização topológica de estruturas concêntricas, onde cada uma está contida na seguinte (Bronfenbrenner, 1996, p.18).

Assim, o desenvolvimento é impactado pelos relacionamentos constantes e duradouros mantidos pelos indivíduos com os seus agentes educativos mais próximos, em especial os pais, incluindo aqui o desenvolvimento da carreira do sujeito e fazendo sentido aprofundar-se a nossa compreensão sobre o esse impacto nas trajetórias vocacionais (Vondracek & Schulenberg, 1986).

Taveira (1999) destaca a importância da exploração vocacional na infância e fornece *insights* sobre como apoiar o desenvolvimento vocacional das crianças. De acordo com a pesquisadora, a exploração vocacional na infância é importante para outros períodos de vida e sustenta a aquisição de informação e o desenvolvimento de representações do *self* e de preferências de carreira das crianças.

A autora cita que as informações recebidas ou observadas em diferentes contextos significativos como a família e a escola, podem influenciar o desenvolvimento vocacional das crianças pois são neles que a criança formará

suas impressões sobre o trabalho e profissões (tipos, locais, benefícios, compensações e capacidades para a sua realização), que serão ampliadas no decurso do Ensino Básico (Taveira, 1999, p.175).

De acordo com Oliveira, Taveira e Porteli (2014), a avaliação da exploração vocacional na infância tem evoluído, passando de abordagens qualitativas a quantitativas, bem como do foco em comportamentos exploratórios para processos cognitivos e autorrelato. Na primeira infância, a avaliação tem-se apoiado na observação e registo em *checklists* de comportamentos exploratórios. No ensino pré-escolar e primário, têm-se aplicado entrevistas e tarefas guiadas para avaliar o raciocínio investigativo e a exploração do self e do meio. A estes procedimentos, junta-se, no 2º e 3º ciclo de escolaridade básica, o recurso a medidas de autorrelato para avaliar a frequência de comportamentos exploratórios, utilização de recursos exploratórios e atitudes de adaptabilidade de carreira.

Passando da educação básica aos níveis escolares mais avançados, Cruz (2008) investigou a influência das experiências familiares na infância no desenvolvimento vocacional de jovens universitários, ao abordar a construção de representações, a qualidade do ambiente familiar e os princípios-chave da parentalidade positiva. Para além da família, os programas de desenvolvimento vocacional implementados nas escolas, têm resultados positivos seja ao nível dos comportamentos de exploração e tomada de decisão vocacional, mas ainda reduzindo problemas de comportamento e ansiedade, e melhorando o desempenho académico e os comportamentos continuados de exploração de carreira (Cruz, 2008; Cruz & Custódio, 2008).

Nestes estudos verificou-se que as crianças tendem a construir narrativas semelhantes para ambas as figuras parentais, tanto em termos de conteúdo quanto de estrutura, sugerindo uma alta consistência nas representações da afetividade e disciplina associadas a essas figuras.

Além disso, o nível de escolaridade dos pais, principalmente da mãe, influencia as representações das crianças e está relacionado com sua competência social. Por exemplo, pais com menos escolaridade tendem a ser percebidos como mais rejeitantes e fisicamente punitivos, afetando negativamente a competência social das crianças.

Por outro lado, a coerência nas narrativas das crianças está relacionada com sua competência social, sugerindo que narrativas bem estruturadas refletem uma maior competência. Por outro lado, uma pesquisa envolvendo o Inventário HOME demonstra que o estatuto socioeconómico, a pobreza e a afiliação étnica ou cultural são fatores preditivos importantes da qualidade do ambiente familiar. Em geral, famílias com maior estatuto socioeconómico oferecem ambientes mais estimulantes para as crianças, embora a relação seja de valor moderado e não determinista (Cruz & Abreu, 2012).

Destes estudos decorre que a pobreza é particularmente prejudicial, resultando em menos estímulo e interações consistentes para as crianças, independentemente de seu grupo étnico. A qualidade do ambiente familiar é um predictor do desenvolvimento intelectual, desempenho escolar e habilidades verbais das crianças, embora sua influência possa diminuir quando controlados outros fatores, como a escolaridade das mães.

Por outro lado, a qualidade do ambiente familiar está relacionada negativamente a problemas de comportamento e sintomas de hiperatividade e desatenção nas crianças, destacando de novo a relevância desenvolvimental para a criança do ambiente familiar e, muito concretamente, da parentalidade positiva.

Os princípios da parentalidade positiva trazem uma experiência gratificante e desafiadora quanto à necessidade da criação de um ambiente familiar estruturado, positivo e estimulante, juntamente com a supervisão e a disciplina positiva. Todas estas características ambientais desempenham um papel significativo no desenvolvimento das crianças e adolescentes, promovendo o ajustamento social, acadêmico e emocional.

Aqui inclui-se a satisfação das necessidades básicas, com alimentação e segurança, como fundamentais para o desenvolvimento saudável enquanto o afeto e a responsividade dos pais são cruciais para construir confiança e autoestima nas crianças (Cruz, 2013).

Neste sentido, podemos concluir que a responsividade parental é vital para o desenvolvimento, pois demonstra respeito, compreensão e apoio às necessidades da criança, promovendo seu bem-estar emocional e cognitivo.

Além desses princípios, a parentalidade positiva também implica que os pais cuidem de si mesmos, mantendo relações pessoais, conjugais e profissionais saudáveis, uma vez que problemas nessas áreas podem afetar negativamente o papel parental (Cruz, 2013).

Voltando às investigações de Isabel Soares sobre a qualidade da vinculação da criança com seus pais e educadores, reconhecemos que as crianças que estabelecem vínculos seguros com os seus cuidadores na infância têm mais facilidade em explorar o mundo, aprender novas habilidades, adaptar-se a situações desafiantes e construir uma identidade pessoal e profissional. Por exemplo, as representações internas que as pessoas constroem a partir de suas experiências de vinculação podem influenciar a forma como percebem e interagem com os outros no contexto profissional. Isso sugere que a autoimagem que uma criança desenvolve com base em suas relações familiares pode influenciar sua percepção de colegas, professores e oportunidades de carreira.

Por outro lado, uma criança que se sente valorizada e digna de afeto em casa pode ser mais propensa a se relacionar de maneira positiva com colegas de trabalho e superiores mais tarde na idade adulta

A vinculação segura também favorece a tomada de decisão de carreira, as aspirações educacionais e profissionais, a orientação para a carreira e as transições de carreira (Seabra-Santos,2007). Por outro lado, as crianças que desenvolvem vínculos inseguros com os seus cuidadores na infância tendem a ter mais dificuldades em lidar com as suas emoções, em estabelecer relações positivas com os outros e em definir os seus objetivos e interesses vocacionais.

Neste sentido, a vinculação insegura pode estar associada a menor ajustamento ao trabalho, piores relações no trabalho e menor maturidade de carreira, sugerindo a investigação que existe uma relação significativa entre o estilo de vinculação das crianças e sua orientação para o trabalho na idade adulta (Soares et al., 2010). Isso implica que a forma como as crianças se relacionam com seus pais ou cuidadores pode influenciar a maneira como elas abordam o mundo profissional quando crescem. Por exemplo, uma criança que desenvolve um vínculo seguro com seus pais pode ser mais propensa a se sentir competente, confiante e disposta a explorar oportunidades no mundo profissional.

O comportamento exploratório em relação ao mundo profissional varia de acordo com os diferentes estilos de vinculação dos adultos. Isso implica que o ambiente familiar e a qualidade das relações parentais podem afetar a disposição da criança para explorar o mundo do trabalho. Um ambiente familiar seguro e de apoio pode encorajar a criança a se aventurar no mundo profissional com confiança.

Portanto, a teoria da vinculação pode ser uma ferramenta útil para os profissionais de orientação vocacional, educação e psicologia que trabalham com crianças e jovens em diferentes contextos educativos, explorarem como na infância se desenvolveram no domínio vocacional, sobretudo a segurança para explorarem a realidade circundante.

Em síntese, a família protagoniza um papel importante ou de destaque no desenvolvimento psicossocial da criança, incluindo aqui o seu desenvolvimento vocacional ou de carreira. No quadro do modelo ecológico de desenvolvimento, este mesmo desenvolvimento está fortemente marcado na sua qualidade pela existência e riqueza de outros contextos, por exemplo amigos e escola, e pelas relações que estabelecem entre si.

Por último, o desenvolvimento da criança no sentido da sua autonomia progressiva está bastante associado à existência de vínculos pautados por afeto e segurança, nomeadamente com os seus progenitores e educadores. Dessa forma, a criança se envolve de forma mais precoce e ativa na elaboração de julgamentos e na promoção de autoconhecimento e de autoeficácia através da exploração das oportunidades, percursos e interesses, construindo o seu sistema de valores, crenças e opiniões em relação a si, aos outros e ao mundo.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA DO ESTUDO EMPÍRICO

De modo a atender o objetivo de estudo em conhecer a participação da família no desenvolvimento vocacional na infância, explorando o papel das crianças e dos adultos neste mesmo processo, descreve-se neste capítulo os procedimentos metodológicos da sua realização. Esta explicitação dos procedimentos permite uma avaliação da informação recolhida e tratada tendo em vista o objetivo central do estudo: conhecer os processos envolvidos no desenvolvimento vocacional desde a infância e, deste modo, poder levantar no final algumas pistas de intervenção nesta área.

2.1. Questões da investigação

Esta investigação orienta-se por questões centradas nas atitudes das famílias face ao desenvolvimento vocacional, ao suporte à exploração, à construção da autonomia e os espaços facilitados pela família para a escolha profissional dos estudantes. Mais concretamente pretendemos responder às seguintes questões de investigação: “Qual é o papel da família no desenvolvimento vocacional do estudante desde a infância e em que meio está inserida nesse contexto? De que forma os pais participam nesse processo? As oportunidades de apoio oferecidas pelos pais, fazem diferença para a tomada de decisão da escolha profissional dos estudantes? Quais os obstáculos existem no decorrer do desenvolvimento vocacional do estudante, decorrentes da participação dos pais para a escolha profissional?”

Para responder de uma forma mais compreensiva e desenvolvimental a estas questões optamos por um estudo empírico tomando uma metodologia qualitativa. Assim, junto de um pequeno grupo de estudantes universitários, recorreremos à entrevista e à análise temática como ferramentas principais de recolha e análise de dados.

2.2. Participantes

Foram convidados a participar no estudo seis (06) estudantes do 1.º ano do Ensino Superior, entre 18 e

28 anos, do gênero masculino ou feminino, de níveis socioeconômicos variados, de cursos variados, residentes no Brasil e em Portugal, diversificados em termo de frequência ou não de um curso de primeira opção e do grau de sua convicção sobre a conclusão da sua formação acadêmica no curso que frequentam.

Os participantes podem se descrever como estudantes que se voluntariaram para participar no estudo após explicitação dos objetivos e de lhes ser assegurado o anonimato da sua participação a nível dos dados a recolher e a analisar através de entrevista. Os participantes foram convidados, entre estudantes conhecidos da investigadora e dos orientadores desta dissertação, que por sua vez asseguraram o contato e convite a outros seus colegas. Os convites formulados procuraram assegurar alguma heterogeneidade dos participantes no estudo, nomeadamente em termos de gênero e idade.

Em breve descrição, e sem colocar em causa o anonimato dos participantes, traçamos um breve perfil de cada um dos participantes:

Entrevista 1. E.S: estudante de 19 anos, portuguesa, residente do Porto/PT, gênero feminino, a mãe estudou até o 12º ano e o pai até o 6º ano, a mãe é rececionista e o pai é reformado. E.S cursa Psicologia e essa não foi a sua primeira escolha.

Entrevista 2. M.P.A: estudante de 18 anos, brasileira, residente em São Paulo/BR, gênero feminino, a mãe tem o ensino superior incompleto e o pai tem o ensino superior completo, a mãe é secretária escolar e o pai empresário. M.P.A cursa Direito e sua primeira escolha tinha sido Moda.

Entrevista 3. M.R: estudante de 19 anos, portuguesa, residente em Braga/PT, gênero feminino, a mãe estudou até o 12º ano e o pai até o 9º ano, a mãe é auxiliar de ação educativa e o pai empresário. M.R cursa Educação e essa foi a sua primeira escolha.

Entrevista 4. M.A: estudante de 18 anos, portuguesa, residente em Braga/PT, gênero feminino, os pais têm o ensino superior completo, a mãe é fisioterapeuta e o pai advogado. M.A cursa Psicologia e essa foi a sua primeira escolha.

Entrevista 5. R.G.A: estudante de 27 anos, brasileira, residente em São Paulo/BR, gênero feminino, os pais têm o ensino secundário completo, a mãe é operária fabril e o pai é segurança. R.G.A cursa Gestão de RH e foi a sua primeira escolha.

Entrevista 6. S.F.B: estudante de 19 anos, português, residente em Amares/PT, gênero masculino, o pai estudou até o 12º ano e a mãe até o 6º ano, os pais são motoristas. S.F.B cursa Educação e foi a sua primeira escolha.

2.3. Procedimentos de recolha de dados

Os instrumentos de coleta das informações foram desenvolvidos pela pesquisadora, com o intuito específico da pesquisa, consistindo em um breve questionário sociodemográfico e um guião de entrevista semiestruturada, apresentados de seguida.

Previamente à realização das entrevistas, os estudantes foram informados sobre como haviam sido selecionados, os procedimentos a seguir no estudo, a natureza voluntária da sua participação, o tempo estimado de entrevista e a necessidade de as mesmas serem gravadas para a posterior transcrição e análise do seu conteúdo. De forma adicional, enfatizou-se a participação por livre decisão, sem riscos, assegurando a confidencialidade e o anonimato dos dados coletados.

Questionário sociodemográfico

No questionário, as questões sociodemográficas/académicas foram fechadas para situar o perfil dos jovens e de suas famílias, com as variáveis: aluno, idade, opção de curso, escolaridade dos pais, nível socioeconômico, ocupação profissional. Outra parte da entrevista foi direcionada pela percepção dos jovens sobre a participação familiar em sua formação vocacional e os meios utilizados para a escolha profissional. De novo apontou-se a preocupação em assegurar alguma heterogeneidade social e académica dos participantes no estudo.

Guião da entrevista

A entrevista semiestruturada foi conduzida segundo um guião elaborado pela investigadora, considerando dimensões relevantes teoricamente para a compreensão do contexto da família para o desenvolvimento vocacional na infância.

As entrevistas foram transcritas, analisadas e interpretadas pela investigadora com base em estudos da literatura existente e consequentemente foram elaboradas as conclusões sobre o contexto em questão, mantendo a ética e o rigor com a objetividade do estudo.

O Guião da entrevista semiestruturada foi organizado previamente, com perguntas abertas sobre aspectos do desenvolvimento vocacional dos estudantes desde a infância. Em particular procurou-se dar atenção a atividades concretas de exploração vocacional, à qualidade das relações no contexto familiar e à participação dos progenitores/educadores nas questões da escolha académica e profissional. Mais concretamente se procurou

recolher informação sobre os seguintes aspectos:

a) Influência familiar na infância sobre o projeto profissional - Oferta de recurso para o desenvolvimento vocacional; oportunidades que favoreceram alguma descoberta acerca das profissões; comunicação no contexto familiar; valorização de algum dom/habilidade/gostos; conversas sobre projetos futuros;

b) Adolescência - Acompanhamento, apoio dos pais nas várias etapas de formação para realizar a escolha profissional; recursos oferecidos; participação dos pais (quem mais os ajudou nesse processo; se houve espaço de autonomia para a decisão profissional, percepção dos jovens sobre a qualidade de apoio dos pais nesse processo);

c) Curso atual - Se foi a primeira opção; satisfação pessoal com a escolha; se há interesse em concluir o curso atual; satisfação da família sobre a escolha atual e se desistiriam da escolha atual para agradarem a família.

Com efeito, após a coleta e a organização de dados, houve a análise com o objetivo de compreender, criticamente, as informações relatadas pelos estudantes, sejam essas de forma explícita ou não e que tragam significado ao propósito dessa investigação, eliminando qualquer tipo de julgamento e cuidados para preservar a identidade dos participantes.

Dada a natureza qualitativa do estudo, assume particular relevância o guião da entrevista, pelo que se opta pela sua apresentação de seguida:

Guião

1. Guião de elaboração da entrevista

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Formulário das questões
A) Legitimação da entrevista e motivação do(a) entrevistado(a)	Legitimar a entrevista e motivar o(a) entrevistado(a) a colaborar com a entrevista. Garantir a confidencialidade das informações.	1) Agradecimento. Informar sobre a investigação que está a ser realizada; 2) Pedir a colaboração do (a) entrevistado(a), informando que seu contributo é imprescindível para o êxito do estudo; 3) Consentimento. Assegurar a confidencialidade das informações.

<p>B) Existência ou não de experiências de exploração vocacional no seio da família, durante a infância,</p> <p>C) Especificação dos conteúdos e os formatos dessas e,</p> <p>D) Os espaços de autonomia e a participação efetiva da criança.</p>	<p>Perceber em que meio se insere a família;</p> <p>Perceber o papel da família no desenvolvimento vocacional do estudante desde a infância;</p> <p>Depreender de que forma os pais participaram do desenvolvimento vocacional do estudante;</p> <p>Conhecer quais oportunidades de apoio foram oferecidas aos estudantes para a sua decisão na escolha profissional; Compreender quais os obstáculos existiram no decorrer do desenvolvimento vocacional do estudante, decorrentes da participação dos pais para a escolha profissional.</p>	<p>A entrevista estará centrada em três focos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividades concretas de exploração vocacional desde a infância e; - Qualidade das relações no contexto familiar. - Curso atual. <p>Buscar mais a exploração:</p> <p>Impacto da família no processo de escolha tomada de decisão</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1ª fase – exploração da infância, experiência que teve, como os pais participaram nessas experiências: - 2ª fase – Adolescência – tomada de decisões, escolha de disciplinas e áreas de curso, direcionamento dos pais, como os pais agiram, influências, ofertas de recursos, autonomia, qualidade de apoio dos pais, comunicação) <p>Perceber o estilo dos pais: se são mais intrusivos, impositivos, etc. Mensagens implícitas ou explícitas sobre os projetos deles realizados para os entrevistados.</p> <p>Comunicação no contexto familiar sobre os gostos dos entrevistados e seus planos para o futuro.</p> <p>Buscar sempre, na ótica do estudante, quais foram as suas referências;</p> <p>3ª fase - atual</p>
---	---	---

		<p>Grau de confiança para concluir o curso? Perceber se o aluno tem vontade de permanecer ou não no curso.</p> <p>Sugestões de questões:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Que tipos de experiências foram mais marcantes na infância em termo de escolha vocacionais (cursos, profissões)? 2- Que tipo de oportunidades foram oferecidas na sua infância que o(a) auxiliou no desenvolvimento vocacional? 3- Na sua opinião, ao recordar de sua infância, que papel que os seus paistiveram para o seu desenvolvimento vocacional? 4- Como foi o seu processo de escolha profissional? O que o(a) influenciou para essa escolha? Você considerou-se autônomo? 5- Seus pais o incentivaram no processo de escolha profissional? Como eles participaram desse processo? 6- Na sua opinião, como considera a comunicação no ambiente familiar? 7- Você participou de algum processo de apoio à escolha profissional? Caso tenha recebido algum recurso durante o desenvolvimento vocacional, você reconhece que fez alguma diferença para a escolha profissional? 8- Seus pais sugeriram alguma profissão para você? Se sim, qual? 9- Está satisfeito(a) com o curso escolhido? Quer concluí-lo? 10- Há alguma questão relevante que não tenha sido abordada durante a entrevista e que julgue importante para o seu desenvolvimento vocacional desde a infância, com a participação da família?
E) Remate das entrevistas	Agradecimento aos entrevistados pela colaboração	

Importa referir que o tempo médio de duração previsto da entrevista se situou em 30 minutos, sendo este aspecto mencionado aos participantes. Ao longo das entrevistas procurou-se estar atento à reações não-verbais e verbais, pela possibilidade de conterem informação relevante, sendo as mesmas registadas.

Finalmente, importa referir que os estudantes foram contactados por ligações telefónicas ou WhatsApp, passando-se as informações sobre a investigação. De seguida, após os estudantes demonstrarem disponibilidade para a participação, foram agendadas as entrevistas através das redessociais. No início da entrevista, através de chamadas em vídeo pelo WhatsApp, os estudantes deram o consentimento para a gravação de áudio, foram informados de que as gravações iam ser destruídas após a transcrição e responderam os dados sociodemográficos, tendo sido relembrados o objetivo da investigação e o propósito das questões em “descrever e analisar as percepções dos jovens sobre a participação familiar em sua formação vocacional e os meios utilizados para a escolha profissional”. As entrevistas seguiram os passos abaixo: duração estimada de 30 minutos, gravação em áudio do telemóvel, breves anotações de comportamentos verbais e não-verbais dos entrevistados, transcrição em sua totalidade com o auxílio do software Reshape de modo a permitir a compreensão dos dados coletados de forma mais completa sobre os comportamentos e os significados construídos pelos sujeitos entrevistados.

2.4. Procedimentos de análise de dados

Nesta investigação, a opção foi por uma metodologia qualitativa de recolha e de análise dos dados. Assim, em vez de buscar uma única resposta para o questionamento, exploramos aspectos subjetivos nas investigações.

Para compreendermos o sentido da comunicação de experiências tão diversificadas dos entrevistados e buscarmos significados, surgiram algumas questões que conduziram a organização dos dados para a inferência da investigadora: Quais são as causas ou antecedentes das mensagens trazidas pelos estudantes no seu percurso histórico desde a infância para a escolha de determinada profissão? Quais as consequências que as categorias levantadas provocaram no desenvolvimento dos estudantes e os possíveis feitos dessas mensagens?

Na análise qualitativa, a frequência de certas características do conteúdo das entrevistas será usada para interpretar e inferir significados e compreensão dos registos. Isso foi realizado com o apoio da teoria, em vez de uma compreensão espontânea e ingênua. Por outro lado, por se tratar de uma análise de dados qualitativos,

enfaticamente as experiências, opiniões, comportamentos e contextos sociais dos participantes da pesquisa, aproveitando o máximo das informações das entrevistas que, tomando a totalidade de cada uma, houve uma frequência de itens nas mensagens que possibilitou estabelecer categorias para análises mais consistentes e substanciais, algo como a comunicação no ambiente familiar, a autonomia ou o envolvimento acadêmico por parte dos pais, entre outros aspectos.

De modo a analisar os dados trazidos pelos entrevistados, recorreremos à metodologia qualitativa de análise temática (Braun & Clarke, 2006) que envolve a identificação e organização de padrões repetidos de significado ou temas recorrentes em um conjunto de dados, como nas entrevistas semiestruturadas. A categoria foi definida *a posteriori*, ou seja, foi formada ou decidida após um tratamento e sistematização de elementos diante do procedimento analítico. Dentro da análise temática, as categorias foram definidas também *a posteriori* e de acordo com as etapas:

1. Preparação dos dados e familiarização: as entrevistas foram transcritas e realizou-se uma leitura e releitura dos dados, e procedeu-se às primeiras anotações gerais dos dados, garantindo uma versão escrita o mais completa possível para as análises. De seguida, as transcrições foram lidas cuidadosamente para a compreensão profunda do conteúdo.

2. Codificação inicial: nesta etapa foram destacados e codificados trechos do texto relevantes das transcrições, identificando ideias, conceitos ou palavras-chave importantes. Cada trecho destacado foi relevante para dar resposta aos objetivos do estudo, contribuindo para a futura identificação dos temas;

3. Identificação das categorias iniciais: após a codificação inicial foram agrupadas e organizadas as unidades, que são os temas emergentes ou potenciais. Esses temas são padrões recorrentes de significados que se sobressaem ao longo das entrevistas; alguns códigos iniciais podem formar temas principais, outros virar subtemas e outros podem ser eliminados;

4. Revisão e refinamento das categorias: as categorias iniciais foram revistas pela autora da tese e orientadores do trabalho de forma a garantir a sua adequação e pertinência empírica e conceitual.

5. Definição e nomeação dos temas: com base nas categorias definidas foram identificados os temas, foram refinados, adicionando ou combinando categorias semelhantes.

6. Relato dos resultados: elaborou-se a apresentação dos temas recorrendo à apresentação de excertos. No ponto seguinte da dissertação apresentam-se os resultados.

CAPÍTULO 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Resultados

Apresentaremos em seguida 6 temas identificados recorrendo a sínteses e excertos ilustrativos. Inicialmente apresentaremos como o *Ambiente familiar desde a infância* (Tema 1) pode proporcionar uma condição relevante para o desenvolvimento vocacional, abordamos também o *Suporte familiar na exploração vocacional desde a infância* (Tema 2) e de que forma esses aspetos contribuíram para a *Autonomia e participação desde a infância* (Tema 3), dando possibilidades de *Exploração de interesses vocacionais desde a infância* (Tema 4). São também apresentados exemplos de *Oportunidades para além do contexto familiar nuclear* (Tema 5). Por fim, apresentam-se alguns dos *Desafios e obstáculos atuais* (Tema 6) que os estudantes relatam experienciar, mostrando a centralidade das experiências que estão a ter atualmente.

Tema 1 – Ambiente familiar desde a infância

O tema **“Ambiente familiar desde a infância”** aborda os fatores que interferem no desenvolvimento da identidade profissional, na exploração e nas decisões e ações relacionadas à carreira. Esse tema refere-se como o ambiente familiar pode contribuir de diversas formas, direta ou indiretamente, para a escolha vocacional dos jovens. É no ambiente familiar que se vão comunicando expectativas, valores e crenças sobre o trabalho, oferecendo modelos de identificação profissional; orientando e apoiando as decisões e as ações dos jovens; comunicando-se sobre as opções e as oportunidades educacionais e ocupacionais.

Contextos familiares que disponham de dinâmicas e recursos emocionais e materiais, a coerência ou conflito entre as expectativas familiares e as preferências pessoais dos jovens, a variação da influência e do apoio conforme as características individuais, familiares e socioculturais dos jovens, demonstra o quanto o papel da família no desenvolvimento vocacional dos jovens desde a infância pode diferir de estudante para estudante.

A análise das entrevistas permite aceder a diferentes contextos familiares, uns mais promotores do desenvolvimento vocacional na infância, outros menos. No caso dos contextos familiares com pais com menor envolvimento na vida dos estudantes durante a sua infância, na perceção dos estudantes é caracterizado por poucas oportunidades de comunicação e reflexão com os pais, por vezes em situações de alguma conflituosidade.

É mencionada alguma conflituosidade que parece assentar no desalinhamento entre as expectativas familiares e as preferências pessoais dos jovens.

A **reduzida comunicação com os pais ou outros membros da família** sobre as questões vocacionais, seja por falta de interesse, de conhecimento ou de compreensão, surge em alguns relatos:

Não tinha comunicação familiar, ninguém me apoiava. (Entrevista 5, R.G.A, feminino, 27 anos)

Eu acho que meu pai sempre esteve a trabalhar fora, na polícia, acho que não teve muito envolvimento no meu percurso. (Entrevista 1. E.S., feminino, 19 anos)

Noutros casos, foi possível identificar **participantes que receberam o suporte** dos pais ou de outros membros da família em todas as suas escolhas e decisões, mesmo quando elas implicavam mudanças ou desafios.

Eu achava que devia, com alguma atitude, ir atrás daquilo que eu realmente queria, os meus pais apoiaram-me, mas claro que a minha irmã apoiou-me, disse que devia ir atrás daquilo que queria, que devia fazer o exame, que devia estudar e acho que a minha irmã, de facto, é o ponto forte. Mas claro que os nossos pais são as nossas bases, não conseguimos nunca chegar onde estamos sem o apoio dos nossos pais, que nos apoiam bastante.” (Entrevista 4. M.R, feminino, 19 anos)

Os meus pais sempre foram umas pessoas que me apoiaram bastante ao longo do curso académico, foram sempre pais muito presentes.... Acho que isso também ajudou imenso, o apoio que eu sempre tive deles, mesmo com as dúvidas que eles tinham, sempre me manteve segura daquilo que eu queria seguir. (Entrevista 4. M.A, feminino, 18 anos)

Sobretudo o meu irmão, ele já fez a universidade, então ajudou-me também a escolher.... Os dois sempre apoiaram. Se fosse uma decisão minha, era a deles. (Entrevista 6. S.F.B, masculino, 19 anos).

O interesse dos pais e a postura de suporte à exploração dos filhos sobre as opções e oportunidades

educacionais e ocupacionais são destacadas pelos estudantes.

Minha mãe sempre me foi ajudando a perceber melhor o que eu poderia fazer com essas opções. (Entrevista 1, E.S, feminino, 19 anos)

Eu acho que para começar eles sempre se preocuparam muito com o meu bem-estar e acho que isso também foi o que me abriu portas para querer seguir meu curso, porque desde que ando na Psicóloga sempre foi algo que os meus pais quiseram, sempre foi algo que os meus pais me incentivaram. (Entrevista 4. M.A, feminino, 18 anos).

Por outro lado, existe também relatos de estudantes que tiveram de lidar com comentários ou **pressões negativas por parte de alguns membros da família** que não concordavam com a sua escolha:

Óbvio que por parte do resto da família rolava alguns comentários de que Moda não dá futuro. Comentários esses que me chatearam bastante, mas dentro da minha casa sempre foi uma coisa muito tranquila. (Entrevista 2.M.P.A, feminino, 18 anos).

Para a minha mãe está bem, o meu pai não percebe muito bem ainda, um bocado daquela estima da psicologia não dá para grande coisa, mas é a minha escolha (Entrevista 1. E.S, feminino, 19 anos).

Eu desisti a meio de semestre e os meus pais disseram “não é o que tu queres, desiste, o que importa é a tua felicidade”. Nisso, eu sou muito feliz, sou muito sortuda, porque, de facto, os meus pais são a base que eu quero ser também. Mas claro que houve muita pressão por parte dos meus avós e dos meus tios que diziam que eu estava a desperdiçar uma oportunidade de ouro. (Entrevista 3. M.R, feminino, 19 anos).

Uma das entrevistadas relata que embora tenha havido alguma dificuldade de aceitação no início, seus pais sempre mostraram abertura e apoio à escolha dela por Psicologia. Eles não impuseram suas próprias preferências e, em vez disso, incentivaram-na a explorar diferentes oportunidades.

Foi esse espaço aberto que eles criaram de permitir averiguar outras opções, mesmo aquela que

eu tinha, a certeza que eu queria, que também fez com que eu sentissemos aquele apoio e aquele suporte dos meus pais. (Entrevista 4, M.A, feminino, 18 anos)

Tema 2 – Suporte familiar na exploração vocacional desde a infância

Também podemos verificar que a família ao desempenhar um papel significativo no desenvolvimento da identidade vocacional dos entrevistados, varia desde o apoio até a preocupação com o retorno financeiro das escolhas profissionais. As influências familiares no contexto investigado poderiam ser classificadas em três categorias: apoio, resistência e preocupação.

O apoio é percebido quando os pais incentivam e respeitam as decisões dos filhos, sem impor suas preferências ou expectativas.

Eu tive na psicóloga da escola, no secundário, mas na altura nem sequer tinha a hipótese de psicologia, eu estava decidindo direito e gestão. E ela estava-me encaminhando entre essas duas coisas e depois quando eu voltei lá eu já tinha decidido psicologia, ela não influenciou em nada. (Entrevista 1. E.S., feminino, 19 anos)

Vi a minha professora como um exemplo e acho que ela também me conhecia e a ver também o meu trabalho durante os três anos consegue perceber quais são também as minhas tendências. (Entrevista 3., M.R, feminino, 19 anos)

A resistência nota-se quando os pais discordam ou desaprovam as escolhas dos filhos, por acharem que não são adequadas ou rentáveis.

Na hora que eu voltei para o curso de direito, a minha mãe foi mais resistente, na verdade porque ela sabia que muito do meu receio com o curso era com relação ao retorno financeiro. Então, ela foi bem mais resistente porque ela ficou com medo da minha decisão estar relacionada a isso. Somente a isso. Ignorando um sonho, enfim. (Entrevista 2.M.P. A, feminino, 18 anos)

A preocupação é quando os pais demonstram interesse e cuidado pelas escolhas dos filhos, mas também expressam dúvidas ou receios sobre as dificuldades ou incertezas do mercado de trabalho.

A minha mãe viveu mais esse sonho comigo, sabe? De falar, não, tudo bem, vamos nos arriscar... Meu pai... já foi mais um alívio pra ele, sabe ...moda é uma coisa muito nova, que recentemente vem

crescendo, mas que antigamente, na época dele, por exemplo, não era tão conhecido, não tinha tanto retorno. Então, na cabeça deles, é uma coisa muito arriscada. (Entrevista 2.M.P. A, feminino, 18 anos)

Por outro lado, as influências familiares podem gerar **conflitos, pressões ou expectativas** que dificultam a autonomia na escolha profissional. a entrevistada menciona que a discussão com os pais não trazia orientação específica sobre a escolha profissional e ainda que a influência possa ser indireta, demonstra importância da família na escolha profissional como apoio para a tomada de decisão de forma mais assertiva e segura.

Não, a discussão era sempre mais... 'tens que estudar'..., mas nunca era dizer o que é que eu tinha que estudar. (Entrevista 1. E.S, feminino, 19 anos)

Tema 3 - Autonomia e participação desde a infância

O tema "Autonomia e participação desde a infância "destaca como um contexto familiar seguro permite o desenvolvimento global, a autoestima, autoconfiança e autonomia durante a infância e o quanto os jovens exercem o seu protagonismo e a sua liberdade na busca por informações, oportunidades e experiências que os ajudem a definir o seu projeto de vida profissional. Dessa forma, o tema demonstra que pessoas que desenvolvem confiança em suas habilidades e escolhas, tendem a construir carreiras alinhadas com seus interesses e talentos genuínos, o que reforça a importância da forma com que os participam do desenvolvimento vocacional do estudante.

Então, os meus pais sempre viram essa mesma característica em mim.... Em discussões de família, eles sempre me incentivaram muito. (Entrevista 2, M.P.A, feminino, 18 anos)

Tenho uma ótima relação mesmo com os meus pais. Para mim, quando me dizem ou falam que os pais não me apoiam ou que têm medo de dizer certas coisas aos meus pais, nunca aconteceu isso com os meus e eu, desde pequena, se tivesse que trazer um recado, eu trazia, levava na cabeça como qualquer criança, mas meus pais sempre me apoiam. (Entrevista 3, M.R, feminino, 19 anos)

Eu entrei na psicóloga quando estava no primeiro ano, portanto já foi algo que já há algum tempo, pronto. E eles sempre me mostraram abertos à Psicologia. Eu sou amiga da psicóloga dos meus pais, eu conhece-os. Até foi a psicóloga que me mostrou dúvidas. (Entrevista 4. M.A, feminino, 18 anos)

Foi possível verificar que, quando houve a ausência de imposições por parte dos pais permitiu que os jovens se sentissem à vontade para explorar suas opções profissionais sem pressão ou restrições

A Entrevistada 3.M.R que enfatizou que nunca houve isso nunca aconteceu para escolher uma carreira específica, o que a levou a uma escolha mais autônoma e segura na escolha do curso a seguir.

Achava que não se identificava comigo e gostava de ter um trabalho que encaixasse mais com pessoas, que me permitisse ajudar e não fosse um trabalho tão numérico como o de escritório... acho que vai ser um trabalho que vai me permitir, de facto, socializar, comunicar, ajudar as pessoas, fazer a diferença e é isso que eu espero, se calhar, de um trabalho no futuro. (Entrevista 3, M.R, feminino, 19 anos)

Eu ainda não sei o que eu quero ser, mas eu também não gosto de pensar muito para além. Eu estou a viver este momento, estou a gostar daquilo que estou a fazer, estou a gostar muito para acabar esta licenciatura. (Entrevista 3, M.R, feminino, 19 anos)

A maior autonomia e exploração de alternativas e opções vocacionais, tanto na infância quanto na adolescência, aparece assente no suporte e aceitação do pais.

Nunca me pôs nada muito rígido, eu sempre tive um caminho livre de fazer aquilo que eu gostava. (Entrevista 1. E.S, feminino, 19 anos).

A nível de carreira profissional nunca houve uma imposição de ser aquilo. (Entrevista3, M.R, feminino, 19 anos)

O meu pai nunca me disse que eu devia seguir alguma coisa, nunca. Desde criança que eu nunca ouvi nada dos meus pais, não foi aquela coisa de "ah, tens que ir para Direito, tens que ir para uma área relacionada com Medicina" ...Sempre foi aquilo que é a nossa vontade, mas eles sempre deram recomendações ou dicas daquilo que devíamos fazer. Acho que foram sempre pais muito presentes, então isso mostra também que eles estavam sempre lá prá nós. (Entrevista 4. M.A, feminino, 18 anos).

Nunca ninguém me influenciou. Quando minha mãe falava “o que você vai ser quando você crescer? Eu falava “Cantora”. Sempre fui eu mesma que escolhi, inventava tudo, de acordo com a minha história. (Entrevista 5, R.G.A, feminino, 27 anos)

Eu prefiro fazer aquilo que eu gosto do que aquilo que a minha família gosta.

(Entrevista 6. S.F.B, masculino, 19 anos)

Essas narrativas demonstram a capacidade dos participantes de escolherem suas profissões de acordo com seus interesses, aptidões e valores pessoais, sem se submeterem às preferências ou imposições familiares.

Os entrevistados também relataram **que o encorajamento dos pais** na exploração de oportunidades foi relevante para criar um ambiente de apoio e abertura que a possibilitou explorar diferentes opções profissionais, ao invés de impor preferências, eles os incentivaram a considerar diferentes oportunidades.

Minha mãe sempre me foi ajudando a perceber melhor o que eu poderia fazer com essas opções...ela sempre disse que o que importa é mesmo eu gostar do que eu fazia. (Entrevista 1. E.S, feminino, 19 anos).

Os meus pais disseram ‘ não é o que tu queres, desiste, o que importa é a tua felicidade... Eu achava que devia, com alguma atitude, ir atrás daquilo que eu realmente queria, os meus pais apoiaram-me, mas claro que a minha irmã apoiou-me, disse que devia ir atrás daquilo que queria, que devia fazer o exame, que devia estudar acho que a minha irmã, de facto, é o ponto forte. Mas claro que os nossos pais são as nossas bases, não conseguimos nunca chegar onde estamos sem o apoio dos nossos pais, que nos apoiam bastante. (Entrevista 3.M.R., feminino, 19 anos)

Acho que a minha mãe viveu mais esse sonho comigo, sabe? De falar, não, tudo bem, vamos nos arriscar. (Entrevista 2. M.P.A, feminino, 18 anos).

Já outros entrevistados enfatizaram que sempre **tiveram autonomia em suas escolhas** profissionais, tanto na infância quanto na adolescência, não buscou recursos de orientação vocacional e tomou suas decisões de forma independente.

Foi uma pesquisa minha que eu fiz escolher o curso. (Entrevista 6. S.F.B, masculino, 19 anos).

Óbvio que por parte do resto da família rolava alguns comentários de que Moda não dá futuro. Comentários esses que me chatearam bastante, mas dentro da minha casa sempre foi uma coisa muito tranquila. (Entrevista 2. M.P.A, feminino, 18 anos)

Todos os cursos foram feitos por inteligência mesmo, que eu consegui. (Entrevista 5, R.G.A, feminino, 27 anos)

A experiência de uma das entrevistadas também destaca que, embora inicialmente possa haver desafios na aceitação dos pais em relação à carreira dos filhos, o apoio e o entendimento podem aumentar com o tempo.

Foi esse espaço aberto que eles criaram de permitir averiguar outras opções, mesmodaquela que eu tinha, a certeza que eu queria, que também fez com que eu sentisse mesmo aquele apoio e aquele suporte dos meus pais. (Entrevista 4., M.A, feminino, 18anos)

A mesma entrevistada apresenta uma narrativa sobre a importância da aliança entre as figuras parentais e a criança, revelando algo que trouxe condições para facilitar a escolha de uma profissão que traga satisfação e segurança.

Meus pais não são do Porto, mas eles seguiram a mudar-se para o Porto para os futuros filhos não terem de mudar de residência. Ou seja, foi uma jogada ao longo prazo que eles fizeram, sei lá, nos anos 90, para que a educação das filhas fosse sempre a melhor. E mesmo que não fosse aquela que eles necessariamente queriam, acho que é uma jogada bastante altruísta da parte deles, para pensarem já no futuro, dez anos antes das filhas terem nascido e mudarem-se de residência. (Entrevista 4. M.A, feminino, 18 anos).

Os resultados apontam a importância da autonomia e da autodescoberta para o desenvolvimento vocacional dos jovens e como o papel facilitador da família nesse processo têm implicações práticas para a orientação vocacional, pois sugerem que os orientadores devem estimular os estudantes a exercerem sua autonomia e a descobrirem seus potenciais, interesses e valores pessoais, bem como a reconhecerem o apoio familiar como

um recurso positivo para a sua escolha profissional. Além disso, a evolução do apoio dos pais ao longo do tempo também ressalta a importância do diálogo e da compreensão mútua no desenvolvimento vocacional dos estudantes.

Tema 4 - Exploração de interesses vocacionais na infância

A influência do ambiente familiar nas experiências e interesses na infância, a influência dos pais na criação de um ambiente propício para a educação e o incentivo à exploração de diferentes áreas são evidentes. Os pais tiveram um papel ativo em fornecer oportunidades de aprendizado e acesso a atividades que nutriram os talentos da entrevistada.

E acho que a educação que eles tiveram foi bastante essencial também para a minha, porque eles também sempre nunca me disseram que eu tinha de seguir uma coisa aocerto... meus pais não são do Porto, mas eles seguiram a mudar-se para o Porto paraos futuros filhos não terem de mudar de residência. Ou seja, foi uma jogada ao longo prazo que eles fizeram, sei lá, nos anos 90, para que a educação das filhas fosse sempre a melhor. (Entrevista 4, M.A, feminino, 18 anos)

O papel da família no desenvolvimento vocacional através das experiências e interesses também é destacado nas formas de atuar, como modelos e mentores, influenciando as aspirações dos filhos desde cedo.

Acho que a minha mãe viveu mais esse sonho comigo, sabe? De falar, não, tudo bem, vamos nos arriscar... Na hora que eu voltei para o curso de Direito, a minha mãe foi mais resistente, na verdade porque ela sabia que muito do meu receio com o curso era com relação ao retorno financeiro. (Entrevista 2, M.P.A., feminino, 18 anos).

Os depoimentos coletados demonstram como os pais desempenharam um papel ativo na formação dos interesses e habilidades das crianças. Eles não apenas encorajaram a exploração de diferentes áreas, mas também forneceram recursos, oportunidades de aprendizado e acesso a atividades que pudessem nutrir os talentos e interesses dos filhos.

Sempre tive o apoio dos meus pais para ter explicações. E para entrar no EM os meus pais, como viram que eu sempre quis entrar e que queria mesmo, também tive explicações para o exame português e foi também assim que entrei... no secundário eu tinha a sorte de ter uma professora que foi minha diretora de turma no décimo, veio connosco até o décimo segundo e também sinto que

ela foi um pilar muito grande para mim porque ela apoiava-nos muito , falava muito connosco e durante os três anosela conseguiu conhecer-nos muito, especialmente a mim. (Entrevista 3, M.R, feminino, 19 anos)

As oportunidades de apoio oferecidas aos entrevistados, destacam o impacto positivo que o envolvimento dos pais pode ter no desenvolvimento vocacional desde a infância, o que inclui a orientação profissional, cursos extracurriculares, visitas a locais de trabalho e discussões abertas sobre carreiras.

Eu estudei, eu fiz o ensino médio em um colégio totalmente voltado para o vestibular.E lá eles proporcionam bastante atividades, de teste vocacional porque a escola temesse foco de vestibular, de preparar os alunos pra dali pra frente. (Entrevista 2, M.P.A., feminino, 18 anos)

Eles se mostraram dispostos a ver mais oportunidades que eu tinha ao facto de eu querer seguir Psicologia. Eles ajudaram-me para as universidades, eles foram comigo a todas as universidades, procuraram falar com outros psicólogos de mestrado, licenciaturas em vários lugares do país e até mesmo em outros países, para tentar perceber mais quais eram as minhas oportunidades e para eu ter mais noção daquiloque eu queria. (Entrevista 4, M.A, feminino, 18 anos).

Além dos aspectos positivos, também identificou obstáculos potenciais no desenvolvimento vocacional dos entrevistados, decorrentes da participação dos pais. Algumas narrativas mencionarampressões parentais excessivas e expectativas irrealistas que puderam criar conflitos e obstáculos no processo de escolha profissional.

Um dos conflitos que os entrevistados podem enfrentar é a divergência entre as suas expectativas e as suas realidades na profissão que eles escolheram ou pretendem escolher. Isso pode gerar decepção, insatisfação e desmotivação com o seu trabalho.

Na verdade, eu não estou tão satisfeita porque eu queria Farmácia ou Medicina. Maseu estou satisfeita porque eu consegui. Eu nunca imaginei que eu ia conseguir ter um superior gratuito. Se eu pensava, vou conseguir passar, né? Porque tem que ser muito inteligente, mas eu consegui. (Entrevista 5. R.G.A., feminino, 27 anos)

Isso realça a importância de equilibrar o apoio dos pais com a autonomia e a paixão pessoal por uma determinada área profissional.

Eu não quero fazer mais um curso para entender as pessoas. Eu não quero. Agora, eu vou no RH, só no RH e pronto! (Entrevista 5, R.G.A, feminino, 27 anos)

Não sei, talvez. Talvez se soubesse algumas atividades que eu frequentasse. Não sei, talvez pudesse mudar um pouco a minha visão e poder ter escolhido outra alternativa. (Entrevista 6, S.F.B, masculino, 19 anos)

No relato da Entrevista 1, E.S, mencionou que sua infância não estava ligada a uma aspiração de carreira específica, como ela compartilha: “Não, eram coisa muito de crianças, eu queria ser uma Hannah Montana, acho que nunca foi nada muito específico”. No entanto, sua reflexão sobre a depressão de sua mãe destaca como as experiências familiares podem influenciar sutilmente as aspirações profissionais, mesmo que não tenham sido uma escolha direta:

Se calhar o fato da minha mãe ter tido uma depressão ajudou se calhar a eu pensar mais sobre isso, mas não foi uma escolha que ela... (Entrevista 1, E.S., feminino, 19 anos).

Tema 5 - Oportunidades para além do contexto familiar nuclear

Alguns participantes relataram que escolheram o seu curso ou área de atuação por terem contato ou admiração por membros da família que também atuavam na mesma área.

A escolha do curso que eu escolhi foi muito relacionada com o contato que eu tenho na minha família. (Entrevista 2, M.P.A, feminino, 18 anos)

Além da importância da família, é notória a importância de ter mentores e apoios externos na formação da sua identidade vocacional. Os mentores são pessoas que exercem uma influência positiva na vida profissional dos entrevistados, oferecendo orientação, inspiração, feedback e reconhecimento. Os apoios externos são pessoas ou instituições que fornecem recursos, oportunidades, incentivos e suporte para os entrevistados realizarem seus projetos de carreira. Os mentores e apoios externos podem ser encontrados em diferentes contextos, como na escola, na universidade, no trabalho, na comunidade, etc. Um exemplo de mentor é a professora de M.R., que foi uma referência para ela na área de psicologia.

Vi a minha professora como um exemplo e acho que ela também me conhecia e a ver também o meu trabalho durante os três anos consegue perceber quais são também as minhas tendências. (Entrevista 3. M.R, feminino, 19 anos)

Outro exemplo é o professor de R.G.A., que foi um incentivador para ela na área de recursos humanos.

Ele me incentivou muito a fazer o curso de RH, porque ele falou que eu tinha perfil pra isso. (Entrevista 5., R.G.A, feminino, 27 anos)

Um exemplo de apoio externo é a bolsa de estudos que E.S. recebeu para estudar psicologia na universidade.

Eu consegui uma bolsa de estudos para estudar psicologia na universidade e isso foi muito bom para mim, porque eu não teria condições de pagar o curso. (Entrevista 1, E.S., feminino, 19 anos)

Outro exemplo é o estágio que M.P.A. conseguiu na área de moda.

Eu consegui um estágio em uma empresa de moda e isso foi muito importante para mim, porque eu pude aprender mais sobre a profissão e ter contato com pessoas da área. (Entrevista 2.M.P. A, feminino, 18 anos)

Esses exemplos mostram como os mentores e apoios externos podem contribuir para o desenvolvimento vocacional dos entrevistados, ajudando-os a explorar suas potencialidades, ampliar seus horizontes e realizar seus sonhos.

Os entrevistados passam por um processo de exploração e tomada de decisão autônoma, levando em consideração seus interesses e aptidões. Isso enfatiza a importância da autonomia na formação da identidade vocacional.

Eu tive na Psicóloga da escola, no secundário, mas na altura nem sequer tinha a hipótese de Psicologia, eu estava decidindo Direito e Gestão. E ela estava-me encaminhando entre essas duas coisas e depois quando eu voltei lá eu já tinha decidido Psicologia, ela não influenciou em nada. (Entrevista 1, E.S., feminino, 19 anos)

Tema 6 – Desafios e obstáculos atuais

Os entrevistados também relataram que enfrentaram Desafios, dúvidas, mudanças e oportunidades que os levaram a se conhecerem melhor e a se desenvolverem como profissionais. Eles demonstraram uma atitude aberta e curiosa em relação ao futuro, sem se prenderem a planos rígidos ou definitivos.

Eu ainda não sei o que eu quero ser, mas eu também não gosto de pensar muito para além. Eu estou a viver este momento, estou a gostar daquilo que estou a fazer, estou a gostar muito para acabar esta licenciatura. (Entrevista 3. M.R, feminino, 19 anos)

É aquele equilíbrio entre tens de seguir aquilo que tu queres, mas tens de ser uma coisa, uma jogada inteligente, no sentido que não pode ser algo que eu queira que não tenha saídas absolutamente, mas também tem de ser ao mesmo tempo uma coisa que eu gosto. (Entrevista 4., M.A, feminino, 18 anos)

As histórias destacam os desafios e conflitos que os entrevistados podem enfrentar ao seguir sua vocação, incluindo a pressão financeira e as aspirações não realizadas, como o exemplo a seguir no qual a entrevistada expressa insatisfação com a sua escolha.

Agora, na minha área de RH, falaram porque eu não faço Psicologia, porém eu não gosto de Psicologia. Mesmo se precisar, eu não vou fazer. (Entrevista 5. R.G.A, feminino, 27 anos)

Um dos **desafios que os entrevistados podem enfrentar é a falta de informação** ou orientação sobre as profissões que eles escolheram ou pretendem escolher. Isso pode gerar dúvidas, inseguranças e frustrações sobre o seu futuro profissional.

Eu não sabia muito bem o que era psicologia, eu só sabia que era uma coisa que eu gostava, mas eu não sabia o que ia fazer depois, quais eram as saídas profissionais, quais eram as áreas de atuação. (Entrevista 1. E.S., feminino, 19 anos)

Eu não tinha muita noção do que era moda, eu só via as revistas, os desfiles, mas eu não sabia como era o trabalho por trás disso, como era o mercado, como era a formação. (Entrevista 2.M.P.A, feminino, 18 anos)

Outro desafio que os entrevistados podem enfrentar é a concorrência ou a escassez de oportunidades na área que eles escolheram ou pretendem escolher. Isso pode exigir mais esforço, dedicação e persistência para se destacar e se inserir no mercado de trabalho.

Eu sei que é uma área muito concorrida, que tem muita gente boa, que tem que estudar muito, que tem que se atualizar sempre, que tem que ter um diferencial.” (Entrevista 3, M.R, feminino, 19 anos)

Eu sei que é uma área muito difícil, que tem poucas vagas, que tem muita exigência, que tem muita pressão, que tem muita cobrança. (Entrevista 6, S.F.B., masculino, 19 anos)

3.2. Discussão e conclusão

Neste último apartado da dissertação procedemos à discussão dos resultados e conclusão. A presente discussão dos resultados obtidos na investigação torna-se relevante para realizarmos uma reflexão acerca dos mesmos, a partir do referencial teórico numa perspectiva psicossocial e ecológica que considera a interação entre indivíduos e o contexto familiar como um fator crucial na formação das escolhas vocacionais. Em particular, estaremos atentos às vivências na infância e como, desde essa fase desenvolvimental, se exploram e constroem as primeiras imagens em torno de uma futura formação e atividade profissional.

Os temas analisados emergiram das entrevistas com seis estudantes, dos gêneros masculino e feminino, matriculados em diferentes cursos do primeiro ano do ensino superior. Nosso objetivo com a revisão de dados através das entrevistas foi responder às questões iniciais da pesquisa: Qual é o papel da família no desenvolvimento vocacional do estudante desde a infância e em que meio está inserido nesse contexto? De que forma os pais participam nesse processo? As oportunidades de apoio oferecidas pelos pais fazem diferença para a tomada de decisão da escolha profissional dos estudantes? Quais os obstáculos existem no decorrer do desenvolvimento vocacional do estudante, decorrentes da participação dos pais para a escolha profissional? Assim, de seguida, discutiremos os resultados mediante os temas que representaram em maior significância os relatos dos jovens em consonância com as teorias ou a bibliografia salientada no enquadramento conceitual dessa investigação.

Os resultados dos discursos dos jovens demonstraram que a escolha vocacional é um processo complexo e dinâmico que envolve diversos fatores individuais e contextuais, além de apresentar indicadores da importância e da influência dos pais no processo exploratório de carreira.

Neste sentido, os dados recolhidos permitem confirmar que a família desempenha um papel fundamental, pois sendo a primeira fonte de socialização e aprendizagem dos jovens (Gonçalves, 2007), bem com a forma como se sucedeu a sua participação ativa ou não no desenvolvimento vocacional desses jovens, abriu um canal de possibilidades acerca dos aspectos positivos e negativos que dinamizaram as relações, além das atitudes conscientes e inconscientes praticadas nas experiências que foram oferecidas aos jovens nas exploração para novas descobertas de carreiras desde a infância (Cruz, 2008; Cruz & Custódio, 2008; Gonçalves, 2007; Seabra-Santos, 2007; Soares et al., 2010; Super, 1990).

Em linha com os resultados da literatura apresentada nessa investigação, os dados das nossas entrevistas apontam que a família desempenha um papel fundamental na formação das crianças, influenciando diretamente suas percepções, valores e aspirações vocacionais desde tenra idade (Cruz, 2013; Hoyt, 2005; Seabra-Santos, 2007; Soares et al., 2010; Super, 1990; Taveira, 2020; Vondracek & Schulenberg, 1986). Esse papel pode apresentar um impacto de sentido duplo nas crianças. Assim, vimos que a participação dos pais no desenvolvimento vocacional dos entrevistados revelou-se um fator ambivalente que pôde tanto favorecer como dificultar o processo de escolha profissional.

Os nossos dados sugerem, por um lado, que alguns pais ofereceram apoio emocional, informação, orientação e incentivo aos filhos, contribuindo para o aumento da autoeficácia, da satisfação e do compromisso com a carreira. Por outro lado, alguns pais, em menor proporção, exerceram pressão, cobrança, crítica e controle sobre os filhos, gerando conflitos, ansiedade, frustração e insatisfação com as escolhas vocacionais que, com a idade, iam construindo.

Os resultados obtidos permitem afirmar que foi possível os pais dos participantes exercerem influência na exploração de experiências dos filhos e moldar suas representações sobre eles (Bowlby 1969, 1990; Cruz, 2008), quando os jovens relataram a importância dos pais no percurso académico ou, até mesmo, quando notamos que a negligência ou ausência de suas participações foram impactantes na rede de apoio e segurança para o desenvolvimento vocacional.

Os pais que por vezes ofereceram oportunidades de forma indireta ou inconsciente, desde as simples brincadeiras infantis ou quando forneciam recursos materiais e apoio simbólico, permitiram que esses jovens explorassem desde a sua infância diversas profissões, além de construírem uma jornada de autonomia e protagonismo na trajetória profissional.

Na mesma direção, os pais ao transmitiram valores, expectativas e incentivos em relação ao futuro profissional de seus filhos, nomeadamente quando encorajaram discussões abertas e valorizaram seus talentos,

habilidades e interesses, reforçaram sua importância de forma positiva na percepção dos jovens sobre eles frente aos interesses e competências para um desenvolvimento vocacional mais ajustado (Lent, 1994). Por exemplo, os estudantes reconheceram que seus pais foram fontes valiosas de informação e apoio em sua jornada vocacional durante a infância e que influenciaram suas aspirações e expectativas vocacionais apoiadas em atitudes ou comportamentos vocacionais no seio familiar que consideraram inclusive para buscar melhores futuros profissionais (Vondracek & Schulenberg, 1986).

Ainda sobre essa direção, notadamente, foi possível perceber que os estudantes que estavam envolvidos desde a infância em ambientes socioeconômicos mais favorecidos (Cruz, 2008; Gonçalves & Coimbra, 1994, 2007) e com a presença ou envolvimento constante dos pais na criação dos filhos, possibilitaram maior segurança para a tomada de decisões em seus projetos de vida, inclusive para a escolha de carreira, demonstrando que as formas de atuar como modelos influenciam as aspirações vocacionais das crianças desde cedo.

Por sua vez, esse tema observou que os jovens podem enfrentar desafios e conflitos ao longo do seu desenvolvimento vocacional ou gerar dúvidas, inseguranças, frustrações, decepção, insatisfação e desmotivação com o seu trabalho, quando a influência parental não exerce uma construção de identidade autônoma, como vimos nos postulados teóricos de Bowlby e Erikson descritos no capítulo 2.

No estudo dos resultados também foram verificados fatores que impactaram na vida dos jovens para seguir a vocação, incluindo a pressão financeira que ocasionou a desistência da opção do sonho de carreira, as aspirações não realizadas, a falta de informação ou orientação como a entrevistada que não teve grande participação dos pais em suas decisões, assim como a concorrência ou a escassez de oportunidades que resultaram na mudança de escolha de carreira em detrimento de seus ideais e sonhos, e a divergência entre as expectativas e as realidades na profissão como o caso da entrevistada que tinha um sonho de seguir uma carreira mas que optou por sua desistência por conta das baixas expectativas de expansão no mercado de trabalho.

Nessa perspectiva, constatou-se o quanto o fato dos pais terem sido sensíveis, responsivos e afetuosos na linha dos estilos educativos parentais de Baumrid (1966), possibilitou o reforço da autoimagem e da autoconfiança para enfrentarem os desafios ao longo de suas jornadas na exploração de carreiras.

Não menos importante, percebemos o quanto é importante equilibrar autonomia e paixão pessoal por uma determinada área profissional quando entendemos que os jovens tiveram a capacidade de agir de acordo com os próprios valores, interesses e objetivos, sem depender de controles ou aprovações rígidas ou excessivas, gerando sentimentos positivos e significantes na busca da satisfação e bem-estar para tomarem decisões sobre suas escolhas ainda que tenham em mente a possibilidade de mudanças.

Sendo assim, confirmamos o quanto o clima familiar positivo, qualificado por emoções positivas, apoio e autonomia, desempenhou um papel fundamental no crescimento da criança, através da promoção de vínculos afetivos seguros entre os membros familiares e asseguram o bem-estar emocional da criança (Seligman, 1990, 1995).

Esse equilíbrio esteve bem patente nas narrativas dos entrevistados que, uma vez presente nas relações dos pais e filhos, favoreceu o desenvolvimento de competências, a autoestima, a autodescoberta e maior segurança para enfrentarriscos e desafios investindo em atividades de exploração vocacional. Além disso, promoveu o encorajamento aos jovens para que a desistência de uma determinada carreira por outra não fosse um obstáculo determinante para a realização de novas escolhas e o sucesso profissional (Bowlby, 1969, 1990).

Os dados revelaram que a presença de modelos de identificação, como familiares que exercem determinadas profissões, também foi destacada como influência significativa nas escolhas dos participantes (Savickas, 2005), evidenciado em narrativas que apresentaram o quanto o fato de ter na família vários exemplos de profissionais bem-sucedidos em uma área profissional influenciaram os jovens a deixar um primeiro curso que estimavam ser sua vocação. Dessa forma, podemos também reforçar o quanto a teoria da vinculação reflete significado nas narrativas da investigação quanto a importância dos modelos internos de relação que se formam na infância continuaram a influenciar as suas escolhas e comportamentos ao longo da adolescência e juventude, por exemplo ao nível das escolhas e comportamentos vocacionais (Soares, 2007).

Os relatos dos participantes, como o apoio constante dos pais ao longo do percurso acadêmico, a presença dos pais no momento de dúvidas para a escolha de carreira ou a existência de várias pessoas da família bem-sucedidas numa área profissional como modelo de identificação, evidenciaram a relevância das vivências na infância enquanto ponto de partida para a construção de projetos profissionais. Ao mesmo tempo, as experiências familiares, especialmente a observação dos pais e outros membros da família exercendo suas atividades profissionais, emergiram como importantes influências na formação das primeiras aspirações vocacionais dos mais jovens, como é apontado na literatura (Savickas, 2005; Super, 1990).

Ademais, foi possível notar nos relatos dos estudantes que as mães se mostraram mais presentes e envolvidas na trajetória vocacional dos filhos, apoiando ou oferecendo oportunidades, além de estabelecer relações de vínculos não autoritários que os encorajaram a buscar autonomia no processo de exploração de carreira. Neste sentido, a maioria dos entrevistados salientaram que as mães apoiaram mais suas decisões que os pais ou manifestaram maior presença em ações de escuta.

A partir dessa análise, confirmamos que quando se reconhece que em ambientes e contextos

relacionais significativos, nos quais a autonomia e a vinculação ocorrem de forma satisfatória, a motivação para a exploração vocacional acontece de forma mais facilitada (Taveira, 2000).

Com a mesma perspectiva, examinando os relatos dos jovens sobre as atividades praticadas entre pais e filhos desde a infância, através da escuta de seus desejos e opiniões, podemos confirmar a importância do quanto atitudes compreensivas dos pais, traduzidas em apoio emocional, boa comunicação, desenvolvimento da autonomia e ajuda à autoafirmação dos filhos (Baumrind, 1966, 1971), estimularam a liberdade e a autonomia para o desenvolvimento vocacional, conseqüentemente, facilitando o processo da escolha profissional.

Conclusões

Para concluir, esta pesquisa teve como objetivo enriquecer nosso entendimento das interações entre jovens e suas famílias no contexto do desenvolvimento vocacional, desde a infância. Além de contribuir para o conhecimento acadêmico, pretendeu fornecer *insights* úteis para profissionais da educação, psicólogos e outros participantes envolvidos no processo de orientação e apoio vocacional. À medida que encerramos esta investigação, é fundamental destacar suas principais contribuições e relevâncias, ao mesmo tempo em que reconhecemos as limitações e impasses que sugerem a necessidade de investimentos adicionais em pesquisas futuras.

Concluimos, em primeiro lugar, com considerações substanciais sobre o papel da família no fornecimento de um ambiente propício à exploração vocacional desde a infância, destacando a complexidade e a importância dessa influência.

Com base na análise das entrevistas, podemos concluir que a qualidade das interações e oportunidades promovidas para o desenvolvimento vocacional durante a infância no seio da família assegura uma informação mais segura de tais processos. Por outro lado, conhecendo tais processos podemos melhor elencar algumas pistas de intervenção reconhecendo a participação da família no investimento exploratório vocacional desde tenra idade.

Desde a infância, inúmeras habilidades são moldadas para preparar o indivíduo no seu percurso em direção ao mundo do trabalho. Essas habilidades parecem estar intrinsecamente relacionadas a uma ampla gama de fatores psicológicos que, muitas vezes, permanecem subexplorados ou subvalorizados no âmbito familiar, apesar de seu impacto crucial no êxito da escolha profissional.

Essa constatação ressalta a necessidade de um maior engajamento de profissionais de diversas áreas, indo além da psicologia, no sentido de capacitar as famílias a compreenderem a sua participação ativa e intencional nesse processo desenvolvimental. Em particular, importa fornecer formação e recursos que auxiliem os pais a apoiarem seus filhos na construção de uma identidade profissional sólida, permitindo escolhas mais assertivas, conscientes, seguras e autônomas. Essa abordagem holística reconhece a importância de uma colaboração interdisciplinar para fortalecer a educação no contexto familiar, com impactos significativos no desenvolvimento vocacional das futuras gerações.

Em linha com os estudos teóricos disponíveis, os nossos dados afirmam que a família é um agente primário de socialização e educação vocacional que oferece recursos, informações, apoio, valores e expectativas para o projeto profissional das crianças. Também afirmam que a família é um contexto de influência e interação,

que afeta as oportunidades, aspirações e escolhas profissionais dos estudantes e que a família é um fator relevante para a formação da identidade vocacional dos estudantes, pois oferece valores, crenças e modelos profissionais desde a infância, bem como orienta e respeita as suas escolhas profissionais.

Com base na análise dos temas da investigação, podemos identificar informações que não apenas têm o potencial de aprimorar pesquisas futuras, mas também podem servir de base para contribuições significativas no campo da educação voltada para o desenvolvimento de carreiras.

Nesse sentido, destacamos algumas possíveis áreas de exploração em estudos mais aprofundados, que poderiam incorporar conceitos de diferentes teorias e perspectivas. Essas investigações adicionais poderão enriquecer substancialmente a literatura acadêmica, introduzindo novos conhecimentos ao campo. Assim, destacamos os seguintes pontos conclusivos do nosso estudo:

Importância da pesquisa – contribuiu para o conhecimento existente ao apresentar dados empíricos sobre a participação da família no desenvolvimento vocacional na infância, a partir das narrativas dos estudantes do 1.º ano do Ensino Superior, assim como contribuiu para o conhecimento existente sobre a participação da família no desenvolvimento vocacional na infância, explorando o papel das crianças e dos adultos nesse processo.

Também é importante porque evidencia a necessidade de promover o desenvolvimento profissional na infância (Hoyt, 2005), de apoiar e conscientizar as famílias na promoção do desenvolvimento vocacional desde a infância, assim como destaca os desafios e conflitos que os jovens podem enfrentar ao seguir sua vocação em um cenário de incertezas e mudanças no mundo do trabalho.

A pesquisa também contribuiu para o conhecimento existente ao identificar temas emergentes das entrevistas e que pode estimular pesquisas futuras ao sugerir novas questões de investigação, como: Quais são as diferenças e semelhanças entre as percepções dos estudantes e dos seus pais sobre a participação da família no desenvolvimento vocacional na infância? Quais são os fatores que facilitam ou dificultam a comunicação entre os estudantes e os seus pais sobre as questões vocacionais? Quais são as estratégias mais eficazes para promover o desenvolvimento profissional desde a infância e a colaboração entre a família e a escola?

A exploração vocacional na infância – permitiu identificar como as experiências e vivências na infância podem influenciar o desenvolvimento vocacional na adolescência e no início da idade adulta (entrada no Ensino Superior) e investigar se existem padrões ou tendências comuns entre jovens universitários que tiveram vivências específicas relacionadas a determinadas áreas profissionais durante a infância.

O papel da família no desenvolvimento vocacional – permitiu aprofundar o entendimento do papel da família como espaço de desenvolvimento vocacional, explorando dinâmicas familiares que influenciam a tomada de

decisão profissional dos jovens ou investigar como os pais e cuidadores podem desempenhar um papel mais ativo e positivo no apoio ao desenvolvimento vocacional de seus filhos.

Relevância das abordagens ecológica e psicossocial na orientação vocacional – permitiu investigar como essas abordagens podem ser integradas em programas de orientação vocacional e profissional, de forma a oferecer suporte mais abrangente e contextualizado aos jovens ou examinar como a interação entre os sistemas familiar, escolar e social pode ser considerada no processo de exploração e tomada de decisão vocacional. Essas abordagens, utilizadas precocemente, podem auxiliar na construção de caminhos profissionais mais alinhados com os interesses, valores, habilidades e aspirações dos indivíduos, sendo que, pais e responsáveis devem demonstrar interesse genuíno pelas aspirações dos jovens, criando um ambiente propício para a expressão dos desejos e necessidades dos filhos.

O contexto das experiências na infância - permitiu examinar como as experiências e os interesses precoces podem impactar as preferências e inclinações vocacionais e mencionar pesquisas que mostram como brincadeiras e atividades na infância podem estar relacionadas às escolhas de carreira na vida adulta.

Em síntese, e de um modo geral, os resultados obtidos permitem-nos observar consistência nas narrativas quanto a relevância de um ambiente acolhedor, desde a infância, que valorize as escolhas individuais e promove o diálogo familiar, pode potencializar o desenvolvimento vocacional saudável e satisfatório dos jovens, preparando-os para uma trajetória profissional bem-sucedida e significativa. Além disso, busca trabalhar com a intervenção precoce através da identificação com modelos positivos e figuras de referência, sucede em impacto positivo ao expor a criança a uma variedade de profissões, exemplos de sucesso e fontes de inspiração para um projeto de vida profissional mais assertivo.

Nesse contexto, podemos confirmar que é fundamental que profissionais da educação e da psicologia compreendam a relevância da família como espaço de desenvolvimento vocacional e atuem de forma interdisciplinar para apoiar crianças e jovens na exploração de suas habilidades, interesses e valores.

Limitações e desenvolvimentos futuros

Uma das limitações da pesquisa tem a ver com o número reduzido de estudantes entrevistados, tendo-se apenas entrevistado seis estudantes do 1.º ano do Ensino Superior. Mesmo que estes estudantes sejam provenientes de diferentes cursos e áreas científicas, certo que um número tão reduzido dificulta a consistência dos dados no momento de se retirarem conclusões. Assim, uma melhoria da presente investigação passaria por se ampliar os participantes, incluindo estudantes de outros anos, cursos ou instituições, para se obter uma maior diversidade e representatividade de participantes.

Este número reduzido de entrevistados evidenciou-se, mais ainda, na dificuldade em se conseguir entrevistar estudantes do sexo masculino. O fato de ter só uma pessoa do gênero masculino afetou necessariamente a diversidade dos participantes e os dados recolhidos. O gênero pode ser um fator que influencia o desenvolvimento vocacional dos indivíduos, pois está relacionado a diferentes valores, crenças, interesses, escolhas e identidades profissionais. Por exemplo, alguns estudos apontam que as mulheres tendem a escolher profissões mais ligadas ao cuidado, à educação ou à comunicação e vida social, enquanto os homens tendem a escolher profissões mais ligadas à tecnologia, à ciência ou à liderança. Portanto, ter apenas um participante do gênero masculino pode limitar a compreensão de como a família participa no desenvolvimento vocacional na infância tomando o gênero dos filhos por referência. Uma nova investigação teria que incluir mais participantes do gênero masculino para se obter uma maior equilíbrio e diversidade de gênero.

Ainda falando dos participantes entrevistados, fará sentido em futuros estudos a inclusão de estudantes de diferentes nacionalidades, por exemplo portugueses e brasileiros, dado o número crescente de estudantes internacionais provenientes dos países de língua portuguesa no ensino superior em Portugal. A consideração dessas variações culturais e de contextos educativos na infância pode enriquecer nosso entendimento das influências familiares no desenvolvimento vocacional em crianças e adolescentes.

Outra limitação da pesquisa foi o método utilizado pois alguns estudantes mostraram fraca capacidade de expressão. Nesta altura as suas respostas e discurso nas entrevistas mostraram-se simples e pouco refletidas, havendo clara dificuldade de evocação de dados da sua infância. Isso pode ter limitado a profundidade ou a abrangência das informações coletadas. Possivelmente, uma futura investigação possa conciliar o recurso à entrevista com a aplicação de algum questionário que explicita as situações, por exemplo os estilos educativos dos pais ou a existência de comportamentos específicos de exploração vocacional. Nesta altura o estudo pode aumentar o número de participantes que respondem ao questionário podendo circunscrever-se a entrevista a um grupo representativo.

Para terminar, podemos destacar a ausência de respostas consistentes às indagações sobre as experiências vocacionais na infância, reconhecendo a complexidade das memórias infantis e o discurso pouco elaborado por parte dos entrevistados. Mesmo assim, os dados tratados permitem concluir pela importância das relações familiares no desenvolvimento vocacional na infância.

O estudo proporcionou uma informação relevante ao demonstrar que as influências parentais no desenvolvimento psicossocial na infância podem ser indiretas, por meio da criação de ambientes de apoio e de espaços de autonomia. Nas narrativas, e como se poderia também antecipar dada a relevância das escolhas vocacionais na adolescência exigidas pelas vias académicas facultadas aos alunos no final da escolaridade

básica, as experiências e influências da adolescência em diante foram mais relevantes para as escolhas de carreira por parte dos entrevistados.

Referências Bibliográficas

- Almeida, S. (2008). *O respeito pela vida (privada e) familiar na jurisprudência do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem: A tutela das novas formas de família*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Ariès, P. (1962). *Centuries of childhood: A social history of family life*. Vintage.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2ª ed., D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Afiliada.
- Bandura, A. (1997). *Teoria da aprendizagem social* (C. Senna, Trad., 2011). Martins.
- Baumrind, D. (1967). *Childcare practices anteceding three patterns of school behavior*. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1989). Rearing competent children. In W. Damon (Ed.), *Child development today and tomorrow* (pp. 349-378). San Francisco, CA: Jossey Bass.
- Baumrind, D. (1991). Parenting styles and adolescent development. In R. Lerner, A.C. Petersen & J. Brooks-Gunn (Eds.), *The encyclopedia of adolescence* (pp. 746-758). New York: Garland.
- Benjamin, W. (1995). *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Bianchi, S. M. (2014). *Changing families, changing workplaces*. Wiley-Blackwell.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Apego* (Vol. 1, 2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment* (2nd ed., 1982). New York: Basic Books. Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss, sadness and separation*. New York: Basic Books.
- Braun V., & Clarke V. (2006). *Using thematic analysis in psychology*. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.
<https://doi.org/10.191/1478088706qp063oa>
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32, 513-531.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Bronfenbrenner, U. (1997). *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Campos, D. L., & Martinez de Campos, M. (2018). *Lições de direito da família* (4ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Comité dos Direitos da Criança (1996). Observações finais do Comité dos Direitos da Criança sobre relatório relativo à aplicação, em Portugal, da Convenção. *Revista Infância e Juventude*, 2, 9- 14.
- Constituição da República Portuguesa de 1976.
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, O., & Abreu-Lima, I. (2012). Qualidade do ambiente familiar: Preditores e consequências no desenvolvimento das crianças e jovens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 244-263.
- Cruz, O. (2013). *Parentalidade*. Porto: Livpsic.
- Custódio, S., & Cruz, O. (2008). As representações mentais das crianças acerca das figuras parentais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), 393-405.
- Dias, M. B. (2005). *Manual de direito das famílias*. Porto Alegre: Livraria do Advogado.
- Dietrich, J., & Kracke, B. (2009). Career-specific parental behaviors in adolescents' development. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 109-119.
- Ducharme, M. A. B., Cruz, O., Marinho, S., & Grande, C. (2006). Questionário de estilos educativos parentais (QEEP). *Psicologia e Educação*, 1(1), 63-75.
- Erikson, E. H. (1950). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson E. (1982). *The life cycle completed*. New York: W.W. Norton.
- Formosinho, J., & Formosinho, J. (2008). *A infância e a sua educação: Uma abordagem transdisciplinar*. Porto: Porto Editora.
- Gonçalves C., & Coimbra J. L. (1994). *A influência do clima psicossocial da família no desenvolvimento vocacional*. *Cadernos de Consulta Psicológica*. <https://hdl.handle.net/10216/14876>
- Gonçalves, C. M. (2000). Desenvolvimento vocacional e promoção de competências. In C. M. Gonçalves, J. L.

- Coimbra, & L. Rocha (Eds.), *Construção de competências pessoais e profissionais para o trabalho: Actas do II Encontro Internacional de Formação Norte de Portugal/Galiza* (pp. 69-78). Porto: Afrontamento.
- Gonçalves, C., & Coimbra, J. (2007). O papel dos pais na construção de trajetória vocacionais de seus filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 1-17.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902007000100002
- Gottfredson, L. (2002). *International perspectives on career guidance: theory, research, and practice*. Macmillan International Higher Education.
- Guay, F., Senecal, C., Gauthier, L., & Fernet, C. (2003). Predicting career indecision: A self-determination theory perspective. *Journal of Counseling Psychology*, 50, 165-177.
- Hareven, T. K. (1977). Family time and industrial time: The relationship between the family and work in a New England industrial community. *The American Historical Review*, 82(4), 842-855.
- Heywood, C. (2004). *Uma história da infância: da idade média à época contemporânea no ocidente*. Porto Alegre: Artmed.
- Hoyt, K. B. (1995). El concepto de educación para la carrera y sus perspectivas. In M. L. Rodríguez (Ed.), *Educación para la carrera y diseño curricular. Teoría y práctica de programas de educación para el trabajo*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- James, A. (2007). *Understanding childhood: An introduction to some key themes and issues*. Wiley- Blackwell.
- Kohan, O. W. (2003). Infância e educação em Platão. *Educação e pesquisa*, 29(1), 11-26.
- Kracke, B. (1997). Parental behaviors and adolescents career exploration. *The Career Development Quarterly*, 46, 341-350.
- Lent, R. W., & Hackett, G. (1994). Sociocognitive mechanisms of personal agency in career development: Pantheoretical prospects. In M. L. Savickas & R. W. Lent (Eds.), *Convergence in theories of career choice and development* (pp. 64-76) Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). *Parental styles and psychological development*. Stanford University Press.
- Medina, M. C. (2013). *Direito de família* (2ª ed.). Forte da Casa: Escolar Editora.
- Mitchell, J. (1974). *Women: The longest revolution*. *New Left Review*, 40, 3-18.
- Munhoz, I. M. S., & Melo-Silva, L. L. (2011). Educação para a carreira: Concepções, desenvolvimento e possibilidades no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(1), 13- 31.

- Oliveira, Í. M., Taveira, M. D. C., & Porfeli, E. J. (2014). Avaliação da exploração vocacional na infância. In O.D.P.P.(Ed.), *Atas do IX Congresso Iberoamericano de Psicologia e 2º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses* (pp. 1572-1585). Ordem dos Psicólogos Portugueses.
- Platão. (2010). *As leis, ou da legislação e epinomis* (E. Bini, Trad.). Bauru-SP: Edipro.
- Assembleia da República (2003). Projeto de lei nº 402/VIII Lei de bases da família.
- Portugal, G. (1992). *Ecologia do desenvolvimento humano em Brofenbrenner*. Aveiro: Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional (CIDINE).
- Postman, N. (2011). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.
- Qvortrup, J. (2011). Nove teses sobre a 'infância como um fenômeno social'. *Proposições*, 22(3), 13-31.
- Rodrigo López, M. J., & Palacios González, J. (1998). *Família e desenvolvimento humano*. Alianza.
- Sameroff, A. J., & Sameroff, A. J., & Fiese B. H. (1990). Transactional regulation and early intervention. In S. J. Meisels & J. P. Shonkoff (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (2nd ed., pp. 119-149). Cambridge: Cambridge University Press.
- Sameroff, A. J., & Fiese B. H. (2000). Transactional regulation: the development ecology of early intervention. In J. P. Shonkoff & J. Meisels (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (2nd ed., pp.135-159). Cambridge: Cambridge University Press.
- Santos, P. (2010). *Família e indecisão vocacional: Revisão da literatura numa perspectiva da análise sistémica*. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(1), 13-94.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000100009&lng=pt&tlng=pt
- Sarmiento, M. E. J., & Pinto, M. (1997). As crianças e a infância: Definindo conceitos, delimitando o campo. In M. Pinto & M. J. Sarmiento (Coords.), *As crianças: Contextos e identidades* (pp. 9- 30). Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Sarmiento, M. (2004). As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In M. Sarmiento & A. Cerisara (Orgs.), *Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições ASA.
- Sarmiento, M. J. (2004). As crianças e a infância: Definindo conceitos, delimitando o campo. In M. J. Sarmiento, & C. Tomás (Eds.), *Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação* (pp. 9-30). Porto: Asa.

- Sarmiento, M. J., & Vasconcellos, V. M. R. (Orgs.). (2007). *Infância (in)visível*. Araraquara: Junqueira & Marin.
- Sarmiento, M. J., Fernandes, N., Tomás, C (2017). *Figuras da criança na sociologia da infância em Portugal, 1, 39-60*.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counselling: Putting theory and research to work*. New Jersey: JohnWiley & Sons.
- Seabra-Santos, M. J. (2007). Vinculação na infância. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 47-98). Braga, Portugal: Psiquilibrios.
- Seligman, L., Weinstock, L., & Ownings, N. (1988). The role of family dynamics in career development of 5-year-olds. *Elementary School Guidance and Counseling, 22*(3), 222-230.
- Seligman, M. E. P. (1990). *Learned optimism*. New York, NY: Alfred A. Knopf.
- Seligman, L., Weinstock, L., & Heflin, E. N. (1991). The career development of 10 years old. *Elementary School Guidance and Counseling, 25*, 172-181.
- Seligman, M. E. P. (1995). *The optimistic child: Proven program to safeguard children from depression & build lifelong resilience*. Boston, MA: Houghton Mifflin.
- Soares, D. H. (1991). *O que é escolha profissional* (2ª ed.). São Paulo: Brasiliense.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: Mãe-filho(a)*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Soares, N. F. 2001. *Outras infâncias...: A situação social das crianças atendidas numa Comissão de Protecção de Menores*. Braga: Centro de Estudos da Criança.
- Soares, N. F. (2005). *A infância e a família na Europa: Um estudo comparado sobre as políticas sociais e os movimentos sociais da infância* (Tese de doutoramento). Universidade do Minho, Braga.
- Soares, N. F., Sarmiento, T., & Tomás, C. (2005). *Crianças e jovens em situação de risco social: Da investigação à acção*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Soares, D.H.P. (2002) *A escolha profissional: Do jovem ao adulto*. (2. ed). São Paulo: Summus.
- Soares, I., Lemos, M. S., Almeida, C., & Nogueira, C. (2010). Attachment and career development in adolescence. *Journal of Vocational Behavior, 76*(2), 252-262.
- Stacey, J., & Biblarz, T. J. (2001). Parenthood in same-sex couples and single parents: Diversity, myths, and evidence. *Journal of Marriage and Family, 63*(3), 575-593.

- Stearns, P. N. (2006). *A infância*. São Paulo: Contexto.
- Super, D. E. (1957). *The psychology of careers: An introduction to vocational development*. Harper & Bros.
- Super, D. E. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16(3), 282-298.
- Super, D. E. (1990). A life-span, life-space approach to career development. In D. Brown & L. Brooks & Associates (Eds.), *Career choice and development* (2nd ed., pp. 197–261). San Francisco: Jossey-Bass.
- Taveira, M. C. (1999). Intervenção precoce no desenvolvimento vocacional. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 173-190.
- Taveira, M. C. (2000). *Exploração e desenvolvimento vocacional dos jovens*. Braga: Universidade do Minho.
- Taveira, M. C. (2020). A Influência da família na tomada de decisões de carreira: Uma revisão deliteratura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 21(2), 1-14.
- United Nations General Assembly. (1989). *Convention on the Rights of the Child*.
- Watts, A. G. (2001). *International perspectives on career guidance: Theory, research, and practice*. Macmillan International Higher Education.
- Vondracek, F. W., Lerner, R. M., & Schulenberg, J. E. (1986). *Career development: A lifespan developmental approach*. Hillsdale, NJ: Erlbaum Associates.